



Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo

Daniel Carvalho de Matos

Carlos Wellington Soares Martins

ORGANIZADORES

ECOS DA PANDEMIA

Vivências, Pesquisas e Repercussões
da Covid-19 no Maranhão



EDUFMA



**ECOS DA
PANDEMIA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

REITOR Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
VICE-REITOR Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



SIBI

SISTEMA INTEGRADO
DE BIBLIOTECAS

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

DIRETOR Prof. Dr. César Augusto Castro



EDUFMA

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

COORDENADORA Irenilma Cadête Lima

Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa
Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa

CONSELHO EDITORIAL Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos

Profa. Dra. Luma Castro de Souza
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa
Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho
Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista
Bibliotecária Iole Costa Pinheiro



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Associação Brasileira das Editoras Universitárias



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento 4.0.

Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo
Daniel Carvalho de Matos
Carlos Wellington Soares Martins

ORGANIZADORES

ECOS DA PANDEMIA

**Vivências, Pesquisas e Repercussões
da Covid-19 no Maranhão**

São Luís



EDUFMA

2026

Projeto Gráfico e Capa Eduardo César Machado de Jesus

Financiamento Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Finance Code 001

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ecos da pandemia: vivências, pesquisas e repercussões da covid-19 no Maranhão / organizado por Nádya Prazeres Pinheiro Carozzo, Daniel Carvalho de Matos e Carlos Wellington Soares Martins. – São Luís : EDUFMA, 2026.

144f.: il.

ISBN 978-65-5363-542-5

1. Covid – 19 - Pandemia. 2. Crise sanitária - Pesquisa. 3. Maranhão. I. Carozzo, Nádya Prazeres Pinheiro. II. Matos, Daniel Carvalho de. III. Martins, Carlos Wellington Soares. IV. Título.

CDD 301.15

CDU 316.6:616-036.2(812.1)

Bibliotecário: Carlos Wellington Soares Martins – SIBI/UFMA

Criado no Brasil [2026]

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados, sem permissão prévia da Editora.

EDUFMA | Editora da Universidade Federal do Maranhão

Av. dos Portugueses 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

AGRADECIMENTOS

Aos pareceristas que, com rigor acadêmico, generosidade e comprometimento, contribuíram essencialmente para a qualidade desta obra, os nossos sinceros agradecimentos:

Prof^ª. Dr^ª. Adriana de Lima Reis Araújo
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof^ª. Dr^ª. Ana Deyvis Santos Araújo Jesuíno
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof^ª. Ma. Ana Flávia Moura Carvalho
Universidade CEUMA;

Prof^ª. Dr^ª. Carla Vaz dos Santos Ribeiro
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof^ª. Dr^ª. Denise Bessa Leda
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof. Me. Felipe Fook Bastos
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof^ª. Doutoranda Marcela Lobão de Oliveira
Universidade CEUMA;

Prof^ª. Dr^ª. Maria Áurea Pereira da Silva
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof^ª. Ma. Mônica dos Santos de Oliveira
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão;

Prof^ª. Dr^ª. Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof. Dr^ª. Nazaré Costa
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof^ª. Dr^ª. Rafisa Moscoso Lobato Rêgo
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA);

Prof^a. Dr^a. Rosana Mendes Éleres de Figueiredo
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof^a. Ma. Thaís Pinto Fontenele
Universidade Federal do Maranhão (UFMA);

Prof. Me. Vinicius Cutrim Ferreira
Faculdade Maurício de Nassau;

Prof^a. Dr^a. Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro”.

Fernando Sabino

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
APRESENTAÇÃO	14
EIXO I:	
Saúde mental, vulnerabilidade e infância	16
Os impactos da pandemia de covid-19 nos atendimentos à saúde mental de crianças e adolescentes a partir de dados maranhenses	17
Pandemia de covid-19 e abuso sexual infantil: um estudo de caso.	27
Trânsito pandêmico e os transtornos mentais comuns (TMC) entre alunos da rede pública de ensino de Caxias-MA	35
EIXO II:	
Gênero, corpo e saúde mental no cotidiano social	46
Impactos psicológicos da pandemia e a saúde mental das atletas de Levantamento de Peso Olímpico no Maranhão . . .	47
A intensificação das desigualdades no trabalho doméstico e na saúde mental das mulheres maranhenses na crise sanitária mundial de covid-19.	57
Os sentidos do cuidado no trabalho de técnicas de enfermagem a partir do contexto pandêmico	68

EIXO III:

Trabalho, resistência e reconstrução social.....78

Meu lar, meu local de trabalho? O trabalho remoto emergencial de docentes79

Resiliência e transformação digital: a reinvenção de uma empresa metalúrgica em tempos de crise.88

“Somos o lado da corda que arrebenta mais fácil”: repercussões da pandemia no trabalho de músicos ludovicenses98

EIXO IV:

Educação, cultura e práticas de cuidado.....108

Possíveis protocolos para o ensino de repertórios verbais e não verbais de vida funcional109

Dinâmicas sociais e suas sonoridades: a paisagem sonora da Grande São Luís durante a pandemia de covid-19118

Estágio supervisionado em orientação profissional clínica durante a pandemia de covid-19: um relato de experiência na cidade de São Luís-MA126

Sobre os(as) autores(as)136

Sobre os(as) Organizadores(as)142

PREFÁCIO

Foi com grande alegria e um profundo sentimento de honra que recebi, dos organizadores do livro *Ecoss da Pandemia: Vivências, Pesquisas e Repercussões da Covid-19 no Maranhão*, o convite para escrever este prefácio. De pronto aceitei — e logo avisei que ele traria uma grande carga emocional. E os motivos são muitos.

O primeiro é o reconhecimento do valor dos jovens pesquisadores que organizaram esta obra: Profa. Dra. Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo, Prof. Dr. Daniel Matos e Prof. Dr. Carlos Welington Soares. Nos últimos anos, eles têm se dedicado de forma incansável ao fortalecimento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Escrever este prefácio me pareceu uma forma singela de homenagear esse trabalho tão comprometido.

O segundo motivo é a relevância desta produção. Trata-se de uma obra local que expressa, com rigor científico e sensibilidade, as investigações de docentes e discentes sobre a realidade maranhense diante da devastadora crise provocada pela pandemia de covid-19. Por fim, sinto que este livro também representa uma oportunidade de dar voz a uma parcela da sociedade, na qual os pesquisadores, por meio da ciência, relatam os impactos, os enfrentamentos e a resiliência vivida por muitos indivíduos durante aquele período tão desafiador.

Nessa direção, quero parabenizar a escolha do título da obra. A palavra “Ecos”, em um de seus significados, remete a recordações, lembranças e resíduos emocionais de algo que passou. De fato, a pandemia, enquanto crise emergencial, ficou para trás. Inclusive, entre as estratégias que encontramos para lidar com o vivido, muitas vezes, optamos pela fuga,

pela tentativa de esquecer. Ainda assim, pergunto-me: será que realmente passou?

Penso que a crise imediata, sim. No entanto, seus impactos — como as perdas, os lutos não vividos, a ansiedade quase coletiva, os déficits de desenvolvimento físico, cognitivo e emocional das crianças da chamada “geração pandemia” — continuam ecoando em nossos ouvidos. Por mais que tentemos silenciar essas vozes, elas reaparecem, de diferentes formas, em diversos contextos.

Naquele tempo, falava-se muito sobre as mudanças comportamentais pós-pandemia. Muitos diziam: “O mundo não será o mesmo.” Acreditávamos em um futuro mais solidário, mais humano. De fato, o mundo mudou, e nós mudamos também. Mas, infelizmente, ainda me pergunto: o quanto essa crise realmente nos transformou na capacidade de olhar para o outro, de empatizar, de reconhecer a fragilidade da vida e a inevitabilidade da morte?

É inquestionável que mudanças aconteceram. O mundo do trabalho, da saúde e da educação precisou se reinventar para se adaptar ao “novo normal”. E foi exatamente isso que os pesquisadores desta obra fizeram: relataram experiências, levantaram e organizaram dados, descreveram estratégias de intervenção e desenvolveram tecnologias.

Divulgar esses saberes à comunidade acadêmica é continuar produzindo ecos, vozes que não devem ser esquecidas. Isso reafirma a importância da ciência que, mesmo diante da negação e dos ataques sofridos durante a pandemia, permanece firme em seu propósito: produzir e disseminar conhecimento. Esse é o compromisso daqueles que, apesar das perdas e angústias,

seguem trabalhando pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária e ética.

Meus sinceros agradecimentos a todos e todas as pesquisadoras e pesquisadores envolvidos nesta obra.

Catarina Malcher

APRESENTAÇÃO

A pandemia de covid-19 cruzou fronteiras, desestruturou rotinas e redesenhou formas de convivência, trabalho, cuidado e ensino. No Maranhão, não foi diferente. Sentiram-se impactos que reforçaram as vulnerabilidades sociais e fragilidades históricas do estado, bem como descortinou solidariedade, resistência, ressignificações e produção de conhecimento.

A ideia desta obra surge da experiência de trabalho conjunto e do bom convívio entre três professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), nós, os Organizadores. **Ecos da Pandemia: Vivências, Pesquisas e Repercussões da Covid-19 no Maranhão** reúne doze capítulos que articulam relatos de experiências e produtos de investigação em diversas áreas da Psicologia.

Os capítulos transitam entre a saúde psíquica, o social, o educacional e o laboral, contemplando um amplo cenário afetado pela crise sanitária. A disposição dos textos cria uma narrativa em quatro movimentos: o impacto inicial e o sofrimento psíquico vividos na infância e juventude; as experiências de gênero e cuidado que marcaram mulheres, trabalhadoras e atletas; as transformações no trabalho e na sobrevivência coletiva diante das incertezas; e, por fim, as práticas de reconstrução e esperança que emergem da educação, da arte e da ciência.

Nessa perspectiva, esta coletânea foi organizada em quatro eixos temáticos que dialogam entre si e revelam diferentes dimensões da experiência pandêmica no Maranhão. O primeiro eixo, **Saúde mental, vulnerabilidade e infância**, aborda os impactos da covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes, destacando situações de vulnerabilidade e sofrimento

psíquico. O segundo eixo, **Gênero, corpo e saúde mental no cotidiano social**, discute as vivências femininas, evidenciando desigualdades e estratégias de enfrentamento vividas por mulheres em distintos contextos sociais. O terceiro eixo, **Trabalho, resistência e reconstrução social**, reúne estudos sobre as transformações nas formas de trabalho, resistência e reinvenção diante da crise. Por fim, o quarto eixo, **Educação, cultura e práticas de cuidado**, contempla reflexões e aponta caminhos de reconstrução social e subjetiva no período pós-pandêmico.

Além de registrar como a Psicologia lidou com esse período, este livro propõe uma reflexão sobre o que mudou e o que permanece nos modos de fazer dessa Ciência, seja no ensinar, no cuidar ou no laborar. Esperamos que a leitura gere curiosidade, descobertas e que continue ecoando em nossas reflexões.

Os Organizadores



**EIXO I: Saúde mental,
vulnerabilidade e infância**

Os impactos da pandemia de covid-19 nos atendimentos à saúde mental de crianças e adolescentes a partir de dados maranhenses

Diessika Helena Costa Halvantzis Lopes

Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo

RESUMO

A pandemia de covid-19 impactou significativamente a saúde mental global. Além das consequências físicas e estruturais, houve um aumento expressivo na prevalência de transtornos mentais, fenômeno chamado de “Quarta Onda” da pandemia. Este estudo investigou os impactos da pandemia de covid-19 nos atendimentos à saúde mental de crianças e adolescentes prestados por profissionais de saúde em São Luís, Maranhão. Utilizando uma abordagem quantitativa descritiva, foi aplicado um questionário estruturado a 30 profissionais de saúde mental que atenderam esse público durante o período pandêmico. Os dados revelaram que 73,3% dos profissionais observaram um aumento na demanda por atendimentos. As principais queixas relatadas foram sintomas psicossomáticos (63,3%), medos intensos (56,7%), insônia (46,7%), conflitos familiares (46,7%) e agressividade (30%). A maioria dos pacientes atendidos não tinha diagnóstico prévio de transtorno mental, o que sugere que o contexto pandêmico pode ter atuado como gatilho para o desenvolvimento desses sintomas. Achados que são corroborados por estudos nacionais e internacionais. Ademais, os resultados indicam que, embora os atendimentos tenham aumentado significativamente durante a crise sanitária, a demanda por cuidados continuou alta após a diminuição dos casos de infecção, o que sugere efeitos prolongados sobre a saúde mental dessa população. Este estudo, ao lançar indícios sobre o reconhecimento da quarta onda, enfatiza a necessidade urgente de estratégias de intervenção eficazes, inclusive as precoces, e de ampliação do acesso aos serviços de saúde mental, especialmente para crianças e adolescentes, destacando a importância da inclusão de apoio psicológico em escolas e centros comunitários como parte de políticas públicas voltadas à saúde mental infantil.

Palavras-chave: infância; adolescência; saúde mental; pandemia de covid-19.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19 teve um impacto global devastador, afetando não apenas a saúde física, mas também a saúde mental da população. Ao longo do período pandêmico, diferentes ondas de desafios sanitários sucederam-se. A primeira onda consistiu na disseminação do vírus e na sobrecarga dos sistemas de saúde. A segunda onda abrangeu a falta de assistência a pacientes com complicações urgentes não relacionadas ao covid-19, por conta da alocação prioritária de recursos para o combate à pandemia. A terceira onda referiu-se às consequências da descompensação de doenças crônicas devido à interrupção ou redução de atendimentos aos pacientes crônicos. No entanto, segundo Tseng (2020), pesquisadores e profissionais da saúde apontaram para uma quarta onda: a crise da saúde mental desencadeada pelo impacto psicossocial da pandemia.

No Maranhão, os primeiros casos começaram em março de 2020, com o pico de infecções entre os meses de abril e junho do mesmo ano. A Grande São Luís (abrangendo municípios São Luís, Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar) ficou em *lockdown* no período de 5 a 17 de maio de 2020. Somente em julho de 2020 os números de casos começaram a apresentar sinais de estabilização. Nesse período, ocorreram mudanças abruptas na rotina, que geraram incertezas, isolamento social e experiências de perda e luto. Segundo Vancini *et al.* (2021), estudos indicam que essas condições aumentaram significativamente a prevalência de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e transtornos do sono. Crianças e adolescentes também foram severamente

impactados, apresentando sintomas de desregulação emocional e dificuldades no engajamento escolar (Moreno *et al.* 2022).

Essa crise sem precedentes trouxe impactos generalizados para a saúde e o desenvolvimento de crianças e adolescentes em nível global, afetando profundamente famílias e redes de apoio. Embora as crianças tenham sido inicialmente menos afetadas pela infecção do que os adultos, a proporção de casos pediátricos aumentou à medida que a vacinação avançou entre os mais velhos. Além disso, o fechamento das escolas comprometeu o acesso a refeições subsidiadas, contribuindo para a insegurança alimentar e a desnutrição, especialmente em países de baixa e média renda. Rao e Fisher (2021) afirmam que as restrições às atividades ao ar livre e o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados favoreceram o sedentarismo e elevaram os riscos de obesidade infantil.

No âmbito da saúde mental, medidas como o isolamento social e o fechamento de escolas aumentaram significativamente os níveis de estresse, ansiedade e depressão em crianças e adolescentes, além de intensificarem a sobrecarga emocional dos pais. O confinamento prolongado também expôs crianças em lares disfuncionais a maiores riscos de negligência e abuso. No campo do desenvolvimento cognitivo, a interrupção das atividades escolares afetou mais de 1,6 bilhão de estudantes em todo o mundo, com impactos mais severos para aqueles em contextos socioeconômicos vulneráveis, agravando a desigualdade educacional e resultando em perdas significativas de aprendizagem. Além disso, o distanciamento social limitou oportunidades essenciais para a socialização e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, especialmente entre adolescentes.

Apesar desses desafios, fatores como a manutenção de rotinas familiares, a conectividade social e o suporte cultural

demonstraram mitigar alguns dos efeitos negativos da pandemia. Em suma, a crise sanitária trouxe repercussões profundas para o bem-estar infantil e adolescente, acentuou desigualdades preexistentes e evidenciou a necessidade de estratégias eficazes para minimizar seus impactos a longo prazo (Rao; Fisher, 2021).

Diante desse cenário, investigar os impactos da pandemia nos atendimentos à saúde mental infantil e juvenil é essencial para compreender a extensão das consequências dessa crise e subsidiar a criação de estratégias de mitigação a longo prazo. Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo analisar os impactos da pandemia de covid-19 nos atendimentos em saúde mental de crianças e adolescentes prestados por profissionais de saúde em São Luís, Maranhão.

2. MÉTODO

Este estudo adotou uma abordagem quantitativa descritiva, utilizando um questionário estruturado desenvolvido na plataforma *Google Forms* para a coleta de dados. A análise de dados foi realizada por meio de estatística descritiva, com a apresentação dos resultados em frequências absolutas (número total de respostas) e relativas (porcentagens).

O recrutamento dos participantes deu-se por meio de uma chamada aberta via WhatsApp, durante o período de setembro a outubro de 2020. A mensagem foi compartilhada em grupos de profissionais da saúde mental que atuavam no atendimento infantojuvenil e continha um *link* para o formulário contendo 17 questões. O critério de inclusão para participação na pesquisa foi ser um profissional da saúde mental com experiência no atendimento a crianças e adolescentes durante a pandemia.

Ao todo, 30 profissionais de saúde mental responderam ao questionário. Dentre os participantes, 40% eram psiquiatras, 13,3% pediatras e 46,7% psicólogos. A maioria (70%) dos entrevistados atuava no nível ambulatorial, enquanto uma pequena parcela (3,3%) trabalhava exclusivamente no Sistema de Pronto Atendimento (SPA) e 26,7% atuavam em ambos os contextos. Além disso, 40% dos profissionais atuavam somente no setor privado, 10% somente no setor público e 50% dos profissionais relataram exercer atividades tanto no setor público quanto no privado.

3. RESULTADOS

Os resultados indicam que, durante a pandemia, 73,3% dos profissionais perceberam aumento dos atendimentos; sendo que esse aumento aconteceu no período pandêmico considerado crítico e permaneceu mesmo no período de remissão dos casos de infecção pela covid-19. Do total de atendimentos realizados, 46,7% foram com adolescentes na faixa-etária 13 aos 18 anos, 43,3% com crianças dos 6 aos 12 anos e 10% com crianças de até 5 anos.

Dentre as queixas apresentadas durante os atendimentos, as principais eram sintomas psicossomáticos (63,3%), medos intensos (56,7%), insônia (46,7%), conflito familiar (46,7%) e agressividade (30%). Quando indagados se o público que recebeu o atendimento tinha previamente algum diagnóstico de um transtorno mental, 93,3% negaram. Uma pequena parcela das crianças e adolescentes que tinham um diagnóstico de transtorno mental prévio, como transtorno de ansiedade generalizada (96,7%), transtorno depressivo (53,3%) e transtorno do pânico (46,7%), foram os mais prevalentes.

4. DISCUSSÃO

Os dados revelam a percepção de um aumento considerável na demanda por atendimentos em saúde mental durante a pandemia, com 73,3% dos profissionais observando uma elevação nos atendimentos. Esse fenômeno pode ser atribuído ao contexto de estresse coletivo gerado pela pandemia de covid-19, que afetou diretamente a saúde emocional de crianças e adolescentes (Araujo *et al.*, 2020; Rao; Fisher, 2021). O aumento persistente da demanda, mesmo após a diminuição dos casos de infecção, pode indicar o impacto prolongado da crise na saúde mental dessa população, sugerindo que os efeitos do isolamento social, das mudanças na rotina e da insegurança em relação à saúde continuam a afetar o bem-estar psicológico.

O presente achado é corroborado por outros estudos. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2022), houve um aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão globalmente durante o primeiro ano da pandemia. Especificamente no Brasil, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2020) destacou que crianças e adolescentes enfrentaram desafios emocionais significativos, incluindo medo, solidão e dificuldades acadêmicas, aumentando a demanda por atendimentos psicológicos.

O fato de 46,7% dos atendimentos terem sido direcionados a adolescentes entre 13 e 18 anos é especialmente relevante, uma vez que essa faixa etária é caracterizada por um desenvolvimento psicossocial intenso e vulnerável, pois os adolescentes são mais impactados por fatores externos, emocionais e contextuais, uma vez que estão em um período de transição entre a infância e a vida adulta. Nesse estágio, ocorrem importantes transformações neurobiológicas, cognitivas e afetivas, como a busca por identidade, o fortalecimento da

autonomia e o estabelecimento de vínculos interpessoais mais complexos (Lordello, 2015), o que torna esse grupo particularmente suscetível aos efeitos do estresse, da insegurança e das mudanças bruscas no ambiente social, como, por exemplo, o isolamento social imposto pela pandemia de covid-19, o fechamento repentino das escolas, a perda de rotinas estruturadas, a ruptura de laços afetivos presenciais e a exposição excessiva às redes sociais como único canal de interação. A demanda por atendimentos nesse grupo etário pode refletir o aumento de dificuldades emocionais, como ansiedade e depressão, exacerbadas pelo contexto pandêmico.

As principais queixas observadas, como medos intensos, insônia, conflitos familiares e agressividade, refletem o impacto emocional da pandemia. O medo, relacionado ao risco de contágio e à incerteza; e a insônia, associada ao estresse e à interrupção das rotinas, prejudicaram o bem-estar psicológico das crianças e adolescentes. Além disso, o confinamento e a convivência prolongada em casa exacerbam os conflitos familiares e aumentam a agressividade, muitas vezes como uma forma de lidar com a frustração e a falta de interações sociais. Estudos de revisão sobre situações de quarentena apontaram alta prevalência de efeitos psicológicos negativos, especialmente humor rebaixado e irritabilidade, além de raiva, medo e insônia (Lima, 2020).

A ausência de diagnósticos prévios sugere que, em sua maioria, os problemas de saúde mental observados durante a pandemia não eram condições preexistentes, mas sim consequências diretas do contexto pandêmico. Indicando que a pandemia pode ter atuado como um gatilho para o surgimento de sintomas em indivíduos anteriormente saudáveis. A OPAS destaca que o estresse sem precedentes causado pelo isolamento social e pelas restrições durante

a pandemia contribuiu significativamente para o aumento desses transtornos (OPAS, 2022).

5. CONCLUSÃO

O presente estudo lança indícios de que a quarta onda da pandemia não foi apenas uma possibilidade, mas parece uma realidade. A sobrecarga nos serviços de saúde mental e o aumento na incidência de sinais e sintomas sugestivos de transtornos psiquiátricos infantojuvenis são indicativos da necessidade de intervenção rápida e eficaz. O reconhecimento precoce e o tratamento adequado desses transtornos podem minimizar os impactos futuros, garantindo maior bem-estar à população. Pfefferbaum e North (2020) sugerem que políticas públicas voltadas para a ampliação do acesso a serviços psicológicos e psiquiátricos são essenciais para mitigar os efeitos prolongados da pandemia sobre a saúde mental.

Embora este estudo tenha fornecido *insights* valiosos sobre o impacto da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes em São Luís, Maranhão, algumas limitações devem ser consideradas. Primeiramente, a amostra pequena (30 profissionais) pode não refletir a realidade de toda a população de profissionais da saúde mental da região, limitando a generalização dos resultados. Além disso, a pesquisa foi realizada durante um período específico da pandemia, o que pode ter influenciado as percepções dos participantes, devido à dinâmica mutável da crise sanitária. Para futuras investigações, seria relevante expandir a amostra, incluindo profissionais de diferentes regiões e contextos, além de utilizar métodos qualitativos, como entrevistas, para obter uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados na prática clínica. Também seria interessante explorar o impacto a longo prazo

da pandemia na saúde mental infantil e juvenil, investigando não apenas os efeitos imediatos, mas também as repercussões e a eficácia das estratégias de intervenção implementadas.

Não obstante, enfatiza-se a necessidade urgente de estratégias de apoio psicológico e de fortalecimento dos serviços de saúde mental voltados para crianças e adolescentes, com a inclusão de intervenções preventivas e de acolhimento psicológico nas escolas e centros comunitários. A promoção da saúde mental deve ser integrada em políticas públicas, garantindo acesso a atendimentos de saúde mental adequados e oportunos, especialmente em períodos de crise.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. A. de *et al.* The potential impact of the covid-19 pandemic on child growth and development: a systematic review. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 97, p. 369-377, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2020.08.008>. Acesso em: 6 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental e a pandemia de covid-19**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Distanciamento e isolamento sociais pela covid-19 no Brasil: efeitos na saúde mental**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://scielo.br>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Impactos da pandemia de covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BROOKS, S. K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 2020.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Crianças na pandemia covid-19**. Brasília, DF: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://fiocruzbrasil.fiocruz.br>. Acesso em: 24 fev. 2025.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300214, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300214>. Acesso em: 6 fev. 2025.

LORDELLO, S. R. Envolvendo o adolescente na discussão sobre drogas: qual sua contribuição ao debate? *In*: SUDBRACK, M. F. O.; CONCEIÇÃO, M. I. G.; SILVA, I. M.; LORDELLO, S. R. (orgs.). **ABRAMD: compartilhando saberes**. Brasília: Technopolitik, 2015. p. 121-138.

MORENO, C. et al. How mental health care should change as a consequence of the covid-19 pandemic. **The Lancet Psychiatry**, v. 9, p. 1-14, 2022.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Pandemia de covid-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Washington: OPAS, 2020. Disponível em: <https://paho.org>. Acesso em: 24 fev. 2025.

PFEFFERBAUM, B.; NORTH, C. S. Mental health and the covid-19 pandemic. **New England Journal of Medicine**, v. 383, p. 510-512, 2020.

RAO, N. *et al.* The impact of the covid-19 pandemic on child and adolescent development around the world. **Child Development**, v. 92, n. 5, p. e738, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cdev.13698>. Acesso em: 6 fev. 2025.

TSENG, V. A quarta onda. **Correio Braziliense**, Brasília, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2020/09/4873616-a-quarta-onda.html>. Acesso em: 6 fev. 2025.

VANCINI, R. L. *et al.* Anxiety, depression, and insomnia symptoms in Brazilian university students during the covid-19 pandemic. **Journal of Affective Disorders Reports**, v. 5, p. 100112, 2021.

Pandemia de covid-19 e abuso sexual infantil: um estudo de caso

*Virlainne Moreno de Lemos
Catarina Malcher Teixeira*

RESUMO

A pandemia de covid-19 no Brasil teve um impacto significativo na violência sexual infantil, exacerbada pelo confinamento domiciliar, pela interrupção das atividades escolares e pela redução de rede protetora. O presente trabalho é um estudo de caso sobre o atendimento psicoterapêutico de uma adolescente no modelo da Terapia Analítico-Comportamental Infantil (TACI), realizado durante a pandemia. O estudo evidencia a avaliação e intervenção nas queixas trazidas. Os resultados ressaltam a importância da atuação do psicólogo clínico acerca dos procedimentos éticos e normativos em casos de suspeitas de vítimas de abuso sexual (ASI).

Palavras-chave: covid-19; pandemia; abuso sexual infantil; terapia analítico-comportamental.

1. PANDEMIA DE COVID-19 E ABUSO SEXUAL INFANTIL: um estudo de caso

No Brasil, houve um aumento de 85% nas denúncias de violência sexual contra crianças em março de 2020, em comparação com o mesmo período do ano anterior (DISQUE 100, 2020). De acordo com Faleiros (2003), no Brasil, 94% das vítimas de abuso sexual mantinham uma estreita relação com os agressores, pois eram familiares ou conhecidos. Essa constatação é corroborada por Araújo (2005) e por Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005), cujos estudos apontam que o abuso sexual infantil (ASI) ocorre com maior frequência em meninas, dentro do ambiente familiar.

O presente estudo de caso foi realizado no contexto de estágio obrigatório, tendo como campo de pesquisa a Associação Obras Sociais Frei Antônio Sinibaldi, localizado na cidade de São Luís-MA. A mãe da cliente, Amanda[1], buscou atendimento psicológico para investigar relatos da filha sobre supostos abusos sexuais cometidos pelo padrasto e pelo irmão mais velho da cliente.

Os atendimentos aconteceram no período de 21 de outubro de 2021 até a data de 7 de dezembro de 2021, totalizando 8 sessões, divididas entre as fases de: triagem, avaliação, devolução e intervenção, com duração média de 50 minutos. Roberta, do sexo feminino, tinha 13 anos, nascida no município de São Luís-MA, estudante do 7º ano do ensino fundamental maior da rede de ensino público.

Quadro 1 — Número de sessões, fase do processo e cliente atendido

N.º Sessões	Tipo de sessão	Cliente Atendido
01	Triagem	Mãe e padrasto da cliente
01	Avaliação comportamental	Mãe da cliente
02	Avaliação comportamental + Intervenção	Cliente
01	Devolução	Cliente
01	Devolução	Mãe da cliente
01	Intervenção Comportamental	Adolescente
01	Orientação Parental	Mãe da cliente

Fonte: dados da pesquisa.

A primeira sessão, de triagem, ocorreu com a mãe e o padrasto da cliente, na qual priorizou-se explicações acerca do atendimento psicológico na perspectiva da terapia analítico-comportamental infantil (TACI). Nessa sessão, foram coletados dados da queixa e um breve histórico da vida da cliente. Devido ao caráter da queixa, foi explicitado sobre as funções e distinções de um trabalho no contexto clínico e um trabalho forense no campo da Psicologia, visando explicitar que a proposta para o caso era clínica e não pericial.

Após a sessão de triagem e avaliação com a mãe, deu-se início as sessões de avaliação com a cliente, que tiveram como objetivos: a) formar vínculo terapêutico; b) coletar dados da história de vida da cliente; c) apresentar de forma lúdica o que é o comportamento assertivo e analisar as consequências da falta dessa habilidade; d) compreender a história e as demandas da mãe e da cliente; e) identificar de fatores de risco e de proteção relacionados à adolescente e à família.

Foram utilizados os seguintes instrumentos: roteiro de entrevista semiestruturado; recurso terapêutico “Blá, Blá, Blá”; caixa terapêutica “Puxa Conversa”; desenhos conduzidos para a investigação do contexto familiar e da autoimagem; livro “Assertividade na Adolescência. Expressando Desagrado e Recusando Pedidos” (Simeão, 2016); Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes – IHSA (Del Prette; Del Prette, 2009); e materiais didáticos sobre educação sexual e abuso sexual no formato de slides.

Durante as sessões, a cliente apresentou comportamentos consistentes com um padrão de comunicação passiva, como dificuldade em estabelecer contato visual com a terapeuta, uso de um tom de voz baixo, evasão ao ser questionada sobre as relações familiares e um comportamento repetitivo de olhar para os pés enquanto falava (esquiva). Esses comportamentos

foram ao encontro dos resultados do instrumento IHSA-Del-Prete, que indicaram um repertório abaixo da média inferior na subescala de “Abordagem Afetiva”, a qual se relaciona com a expressão de afeto e intimidade (Del Prete; Del Prete, 2018).

Devido à complexidade do tema trazido pela família e pelas adolescentes — ASI, somente na quarta sessão que essa questão foi abordada diretamente, após perceber-se que o vínculo estava consolidado. Na sessão em que o abuso sexual foi discutido, utilizaram-se ferramentas como *slides* interativos para facilitar a comunicação, promover psicoeducação sobre sexualidade, trabalhar os sentimentos relacionados ao abuso e instrumentalizar a cliente sobre o que configura abuso sexual, além de planejar objetivos terapêuticos. Nessa sessão, a cliente relatou diversos episódios de abusos sexuais com contato físico envolvendo o padrasto e um episódio com contato físico envolvendo o irmão mais velho. Ao longo do processo terapêutico, Roberta demonstrou congruência em relação às diversas informações narradas sobre os abusos, as quais coincidiam com os relatos fornecidos pela mãe, estabelecendo os nexos causais entre os eventos da sua vida. Dentre as informações compartilhadas, destacam-se: os horários em que os abusos ocorreram, as mudanças comportamentais observadas após o agravamento das agressões e as estratégias utilizadas para encobrir a violência.

Durante as sessões, foram identificados pela terapeuta sentimentos ambivalentes da cliente em relação a essa situação. Ora sinalizou que queria que os abusos cessassem, demonstrando sentimentos como medo e repulsa, ora verbalizou que não queria que a denúncia fosse efetivada pois sentia-se culpada e não queria prejudicar os envolvidos. Williams (2002) afirma que o abuso sexual é um estressor generalizado, uma experiência traumática que produz como consequências: insegurança,

ansiedade, medo, conflito, raiva, culpa, vergonha, dependência e desconforto nas relações íntimas.

Kohlenberg e Tsai (1998) descrevem que o abuso sexual, repetitivo ou não, possui duas classes de efeitos relacionados: aqueles baseados em respostas autonômicas (respondentes) e aqueles baseados em respostas de fuga e esquiva (operantes). A cliente relatou em sessão de atendimento, e foram observadas pela terapeuta, as duas classes de comportamentos, devido ao caráter aversivo dos abusos sexuais. Dessa forma, ela permanecia calada diante das perguntas do núcleo familiar sobre as situações de abuso e tentava isolar-se quando era questionada sobre eles, deixando de frequentar a igreja quando os abusos ficaram mais invasivos (envolvendo toques em sua vulva). A resposta de esquiva ocorre porque previne a exposição aos estímulos evocadores, impedindo a ansiedade, o que pode ser uma explicação do porquê vítimas de abuso sexual evitam até falar sobre o assunto, pois é um rememorar de uma situação de extrema violência.

Tais informações desencadearam a demanda por alguns encaminhamentos: a) avaliação de uma Perícia Psicóloga nos órgãos da rede de proteção à criança e ao adolescente, com objetivo investigar e definir como ocorreram esses fatos e os direcionamentos legais; b) manutenção do afastamento da cliente tanto do padrasto como do irmão; e c) manutenção do processo terapêutico com o objetivo de auxiliar a cliente a enfrentar os processos de denúncia e os sentimentos e pensamentos experienciados. Dessa forma, o processo terapêutico clínico deve focar na aquisição de repertório de enfrentamento com recursos, como habilidade de solução de problemas, habilidades sociais e habilidades para expressar sentimentos.

A última sessão desse caso foi de Orientação Parental com a mãe da cliente, tendo como objetivo instrumentalizá-la

para auxiliar a filha no enfrentamento acerca da situação de violência sexual. A mãe declara que o padrasto foi afastado da cliente, morando em outra casa e não possuindo mais contato direto com ela. Durante a sessão, a mãe segue verbalizando sobre as dúvidas sobre a veracidade dos abusos sexuais e demonstra falta de apoio familiar para seguir com a denúncia. Contudo, após essa sessão, a terapeuta estagiária tentou por mais de cinco vezes agendar sessões com a mãe e a cliente, sem sucesso. Ocasionalmente o abandono do processo terapêutico. Diante da ausência de resposta da mãe às solicitações da terapeuta sobre as orientações e encaminhamentos, foi necessário realizar intervenções para garantir a segurança da cliente.

Essas intervenções incluíram a entrega do relatório à mãe por meio de uma mediadora, duas reuniões com membros do Conselho Regional de Psicologia (CRP) do Maranhão e uma reunião informativa com a gestão do estágio obrigatório e a coordenação do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão. Em virtude desses acontecimentos, optou-se pela quebra do sigilo terapêutico e pela denúncia do caso ao Conselho Tutelar da região.

Essa decisão foi fundamentada na legislação brasileira, especialmente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei nº 13.431/2017, que asseguram a proteção integral e a prioridade da segurança da criança. O Código de Ética do Psicólogo também obriga a comunicação à autoridade competente em situações que envolvam risco à integridade da criança, mesmo sem a cooperação dos responsáveis. Além disso, teorias sobre a proteção da criança no contexto psicoterapêutico, como as de Del Prette e Del Prette (2018), destacam a demanda por intervenções imediatas para garantir o bem-estar da criança. Dessa maneira, a atuação do psicólogo,

incluindo a quebra de sigilo e a denúncia, não é apenas ética, mas essencial para garantir a proteção da criança que deve ser a prioridade no combate ao ASI.

REFERÊNCIAS

ALEIROS, V. P. **Estudo sobre o abuso sexual no Brasil**. 2003.

ARAÚJO, E. **Estudo sobre abuso sexual infantil**. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Nota Técnica nº 02/2020: orientações para a prevenção e o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes durante a pandemia da covid-19**. Brasília, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017. Dispõe sobre a escuta protegida e o uso de provas testemunhais em casos de violência contra a criança e o adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, 2017.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética do Psicólogo**. Brasília, 2010.

CRAVEIRO, Adriéli Volpato. **Protocolo de atendimento à criança e ao adolescente vítima de violência do Município de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Itaipu Binacional, 2016.

DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático**. Petrópolis: Vozes, 2018.

DISQUE 100. **Relatório anual 2020**. Brasília, 2020.

FARIAS, D. M. *et al.* A pandemia da covid-19 e a violência contra crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, e250012, 2020.

FERRARI, Dalka Chaves de Almeida. **Visão histórica da infância e a questão da violência**. São Paulo: Ágora, 2002.

GOVERNO FEDERAL. 81% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa. Governo do Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/81-dos-casos-de-violencia-contras-criancas-e-adolescentes-ocorrem-dentro-de-casa>. Acesso em: 12 fev. 2025.

HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. H.; AZEVEDO, S. G.; MACHADO, M. F. Estudos sobre abuso sexual: causas e consequências. 2005.

KOHLBERG, Robert J.; TSAI, Mavis. Healing interpersonal trauma with the intimacy of the therapeutic relationship. *In*: FOLETTE, V. M.; RUZEK, J. F.; ABUEG, F. R. (orgs.). **Cognitive behavioral therapies for trauma**. New York: The Guilford Press, 1998.

SCOBERNATTI, Gisele. **Violência intrafamiliar**: teoria e prática – uma abordagem interdisciplinar. Pelotas: Armazém Literário, 2005.

SILVA, R. M. *et al.* Impacto da pandemia de covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 42, n. 3, p. 253-256, 2020.

WILLIAMS, Lúcia C. A. Abuso sexual infantil. *In*: GUILHARDI, H. J.; MADI, M. B. B. P.; QUEIRÓZ, P. P.; SCOZ, M. C. (orgs.). **Sobre comportamento e cognição**: contribuições para a construção da teoria do comportamento. v. 10, p. 144-155. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002.

[1] Todos os nomes citados no estudo são fictícios com a função de garantir o sigilo da identidade da cliente e de seus familiares.

Trânsito pandêmico e os transtornos mentais comuns (TMC) entre alunos da rede pública de ensino de Caxias-MA

Artur Sérgio Bastos de Oliveira

Márcio Roberto Vieira Plácido

Walter Emmanoel Brito Neto

Pedro Wilson Ramos da Conceição

RESUMO

A pandemia afetou os contextos sociais nos quais o adolescente está inserido, gerando modificações nas relações consigo e com outros. Ela agiu sobre as dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais, principalmente nas instituições em que o adolescente é acolhido, impactando os modos de viver e a sua saúde mental. O objetivo foi identificar a incidência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre estudantes da rede pública no município de Caxias-MA. Consiste em um estudo empírico, com abordagem quantitativa de caráter descritivo e transversal. Para o rastreamento dos TMC, utilizou-se o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20). A análise compôs-se de uma relação de dados inserida no *software* SPSS 24.0 A amostra foi composta por estudantes do ensino Fundamental e Médio de uma escola municipal e uma estadual. O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer: 5. 634.151. A pesquisa foi realizada durante o final de setembro e na primeira semana de outubro de 2022, sua amostra foi composta de 329 alunos, dos quais 69,69 % (n= 229) foram inseridos nos requisitos para TMC e a maior incidência foi encontrada no público feminino, como para os sintomas de humor depressivo e ansioso e de decréscimo de energia vital; também foi verificado que o gênero masculino, ainda que em menor prevalência de quadros de TMC, quando comparado ao feminino, demonstrou maior agravamento sintomático. Os achados deste estudo apontam para uma alta incidência de TMC entre alunos, tanto da rede pública municipal quanto estadual, e uma maior incidência na população feminina.

Palavras-chave: pandemia; adolescentes; transtorno mental comum; saúde mental.

1. INTRODUÇÃO

Detectado em 2019 na cidade de Wuhan, China, o vírus denominado *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (Síndrome Respiratória Aguda Grave 2[SARS-CoV-2]), que ocasiona a *Corona Virus Disease 2019* (covid-19), impactou o mundo em âmbitos micro e macrosociais (Organização Pan-Americana de Saúde, 2020). O fenômeno da pandemia do novo coronavírus perpassou todo o contexto social, englobando espaços de vida, tanto particular, desde a identidade pessoal, como a coletiva, com grupos interdependentes, estados, cidades e, portanto, a sociedade de modo geral.

No dia 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde decretou oficialmente o fim da emergência mundial de covid-19, após três anos de sua eclosão mundial, em 11 de março de 2020 (OMS, 2023). Porém, é fato que, ao longo desse período, uma das áreas fortemente afetadas foi inegavelmente a saúde mental. O vírus, ao se disseminar por todo o globo, desencadeou rapidamente angústia e sofrimento psíquico, isto é, aquilo que os autores denominaram de transtornos mentais comuns (TMC) (Ribeiro *et al.*, 2020).

Os TMC, por sua vez, referem-se a um estado de saúde no qual o indivíduo não satisfaz os critérios diagnósticos formais para depressão e/ou ansiedade. Devido à sua frequente manifestação no cotidiano, o paciente, por vezes, não se atenta para exigência de buscar serviços especializados ou, quando o faz, são subnotificados. Nesse paradigma, esses transtornos apresentam-se de maneira sutil e se caracterizam por sintomas como: depressão leve, falta de concentração, fadiga, ansiedade, irritabilidade, insônia e queixas somáticas (Santos, 2016).

Restringindo-se à população estudantil adolescente, a incerteza e os impactos ocasionados pela travessia do contexto

pandêmico apresentam efeitos disruptivos à saúde mental, tornando necessárias abordagens e estratégias que atenuem as consequências perniciosas na rotina, no cotidiano e na saúde dos discentes (Monteiro *et al.*, 2020). Quando essas consequências estão situadas em um contexto de pós-distanciamento social, de quebra, retomada e reconstrução de rotina, de circulação de informações dúbias, de perda de entes e amigos e diversos outros agentes influenciadores, as consequências à saúde mental podem ser imprevisivelmente patológicas.

Sobre a falta de maior tangibilidade da travessia definitiva da pandemia para a pós-pandemia, De Souza, Aires e Scorsolini-Comin (2022) utilizam-se do termo “trânsito da pandemia” para se referirem a esse momento de transição no qual vigora a ausência de uma resposta concreta e resoluta acerca desse contexto, restando apenas o inesperado.

2. MÉTODO

A pesquisa apresentada é de campo, com abordagem quantitativa, de caráter descritivo e transversal. Para o rastreamento de TMC, utilizou-se o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), instrumento desenvolvido para rastrear quadros psiquiátricos frequentes em centros de atenção primária à saúde e recomendado, desde a década de 1990, pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993). Para a coleta de dados, foram considerados dados sociodemográficos colhidos por um questionário para a caracterização da amostra, composta de 11 itens (como gênero, idade, escolaridade, reprovações, etnia/cor, tipo de residência, quantidade de familiares, com quem reside, ocupação dos pais/responsáveis, presença de benefício do governo e perda de alguém próximo pela covid-19).

O SRQ-20 é um questionário de rastreamento autoaplicável, de caráter não diagnóstico, constituído de 20 perguntas com escala dicotômica (sim/não), sendo 4 perguntas acerca de sintomas físicos e as outras 16 a desordens psicoemocionais nos últimos 30 dias. No Brasil, a quantidade de respostas “sim”, contabilizando um ponto cada, deve atingir 7 ou mais pontos para compor a nota de corte e, assim, sinalizar sofrimento mental, pois o uso mais comum ocorre por meio de um ponto de corte, o qual direciona a decisão acerca do quadro do respondente ser clínico ou não (Gonçalves; Stein; Kapczinsk, 2008).

O SRQ-20 foi aplicado nas salas de aula em que se englobara o público-alvo, adolescentes de 12 a 17 anos de escolas públicas, com o devido consentimento dos dirigentes das escolas e também dos estudantes participantes; no qual, para a devida participação da pesquisa, assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), e seus pais/responsáveis, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual constava o objetivo do estudo, dos procedimentos da avaliação, dos riscos e benefícios, do caráter de voluntariedade da participação do sujeito e da responsabilidade por parte do avaliador.

Acerca da análise dos dados, compôs-se uma relação de dados inserida no *software* Statistical package for the Social Sciences (SPSS) versão 24.0 para *Windows*. Foram distribuídos, como em Conceição (2011), quatro grupos de sintomas para a composição das dimensões do instrumento de coleta no presente trabalho: humor ansioso e depressivo, sintomas somáticos, decréscimo de energia e pensamentos depressivos. Utilizou-se ainda o *Test t Student*, também aplicado para comparar um grupo de medidas com outro, visando decidir se são ou não “distintos”.

Foram excluídos aqueles casos nos quais os estudantes eram maiores de 18 anos, os pais/responsáveis não assinaram o TCLE, também aqueles em que os estudantes não assinaram o TALE, também foram excluídos os alunos cujo preenchimento dos questionários foi incompleto. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer 5.634.151.

3. RESULTADOS

De uma amostra total composta por 332 estudantes de uma escola municipal e outra estadual do município de Caxias/MA, de um universo de 16.720 estudantes, o que, de acordo com o cálculo amostral, representa 93% de nível de confiança, com possibilidade de apenas 7% de erro amostral — apenas 3 amostras foram descartadas devido aos critérios de exclusão, resultando em um contingente final de 329 alunos, dos quais 69,69% (n= 229) foram inseridos nos requisitos para TMC. Desses 329 estudantes, 41,82% (n= 138) foi composto pelo gênero masculino e 57,88% (n= 191) pelo feminino, com maior frequência de idades de 13 anos (32,73%) e 14 anos (32,12%). As demais características sociodemográficas estão descritas na Tabela 1.

Tabela 1 — Itens do questionário sociodemográfico

Variável	N (329)	TOTAL (%)
Gênero	Numeração bruta	Porcentagem
Masculino	138	41,82%
Feminino	191	57,88%
Idade		
12 ANOS	05	1,52%
13 ANOS	108	32,73%

14 ANOS	106	32,12%
15 ANOS	79	23,94%
16 ANOS	27	8,18%
17 anos	05	1,5%
Série		
8º	147	44,55%
9º	127	38,48%
1º ANO	56	16,97%
Reprovação		
Sim	31	9,39%
Não	199	90,61%
Etnia		
Branco	79	23,94%
Pardo	176	53,33%
Preto	59	17,88%
Amarelo	06	1,82%
Indígena	10	3,03%
RESIDÊNCIA		
Própria	292	88,48%
Alugada	27	8,18%
Cedida	8	2,42%
OUTRO	3	0,91%
Residentes		
DOIS	26	7,88%
Três	77	23,33%
Quatro	102	30,91%
Cinco	72	21,82%
Seis ou mais	53	16,06%
Cuidadores		
PAI/MÃE	192	58,18%
MÃE	90	27,27%
Pai	10	3,03%
Avós	32	9,70%
Tios/outros	6	1,82 %

Ocupação		
Sim	265	80,30%
Não	65	19,69%
Benefício		
Bolsa fam.	74	22,42%
Não recebo	119	36,06%
Não sabe	128	38,79%
COVID-19		
Sim	136	41,21%
Não	193	58,79%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

4. DISCUSSÃO

Para a caracterização dos casos clínicos emergentes, os itens do SRQ-20 foram subdivididos em categorias de sintomas, descritas no Quadro 1:

Quadro 1 — Grupos sintomatológicos a partir das questões do SRQ-20

Grupo de sintomas	QUESTÕES DO SRQ-20
A Humor depressivo / ansioso	1. Você tem dores de cabeça frequentemente? 3. Dorme mal? 4. Assusta-se com facilidade? 6. Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)? 9. Tem se sentido triste ultimamente? 10. Tem chorado mais do que costume?
B Decréscimo de energia vital	8. Tem dificuldades de pensar com clareza? 11. Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias? 12. Tem dificuldades para tomar decisões? 13. Tem dificuldades no trabalho ou nos estudos (estudar ou trabalhar tem sido penoso ou tem lhe causado sofrimento)? 18. Sente-se cansado(a) o tempo todo? 20. Você se cansa com facilidade?

C Sintomas somáticos	2. Você se sente sem apetite? 5. Costuma sentir tremores nas mãos? 7. Tem má digestão? 19. Costuma sentir sensações desagradáveis no estômago com facilidade?
D Pensamentos depressivos	14. É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida? 15. Tem perdido o interesse pelas coisas? 16. Você se sente uma pessoa inútil, que não presta para nada? 17. O pensamento de acabar com sua vida já passou por sua cabeça?

Fonte: Conceição, Pedro Wilson R. (2011).

Sobre os grupos sintomatológicos, observou-se maior agravo de TMC por parte do gênero masculino em todos os grupos de sintomas elencados para a análise, conforme destacado no Quadro 2:

Quadro 2 – Teste *t de student*

QUADRO 2. TESTE T DE STUDENT					
Variáveis	Gênero	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Transtorno mental comum	Masculino	138	33,0657	4,96044	0,42380
	Feminino	191	28,0526	4,78615	0,34722
Humor ansioso e depressivo	Masculino	138	9,9420	1,66881	0,14206
	Feminino	191	8,4031	1,69513	0,12266
Decréscimo de energia vital	Masculino	138	9,3431	1,91526	0,16363
	Feminino	191	7,7487	1,70130	0,12310

Sintomas somáticos	Masculino	138	7,0511	1,10694	0,09457
	Feminino	191	6,1947	1,22106	0,08858
Pensamento depressivo	Masculino	138	6,7174	1,31243	0,11172
	Feminino	191	5,6963	1,34632	0,09742

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Esses achados indicam que, não obstante o gênero feminino apresentar incidência de TMC mais elevada, a gravidade desses transtornos é maior no grupo masculino do presente estudo, pois o gênero masculino inclinou-se a responder positivamente para um maior número de itens do questionário, ainda que sendo menor a sua incidência. Outras correlações, como idade, a perda de algum parente/conhecido ou próximo, auxílio governamental, série escolar, reprovação ou qualquer outro item que não seja o gênero, não revelaram significância de dados.

5. CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi identificar a incidência de TMC entre alunos da rede pública municipal e estadual da cidade de Caxias-MA no período do trânsito pandêmico. Constatou-se: a) a incidência de transtornos mentais comum mostrou-se significativa na amostra estudada (69,69%); b) foi observado no gênero feminino a maior presença de transtornos mentais comuns (69,43%) em comparação ao gênero masculino (30,57%); c) os quadros de sintomas como “humor depressivo e ansioso” (49,24%) e “decréscimo de energia vital” (59,70%) foram os

grupos sintomáticos de maior significância dentre os quatro; e d) a média de respostas positivas entre os grupos de sintomas revelou que o gênero masculino se inclina a demonstrar um maior agravamento sintomatológico, embora demonstre incidência menor quando comparado ao feminino.

Os achados apontam para a alta incidência de TMC entre estudantes da rede pública de uma cidade do Maranhão; a maior presença no gênero feminino, fomentando as escassas pesquisas cujo público-alvo são adolescentes e, principalmente, no contexto de retorno às aulas presenciais durante o trânsito da pandemia para a realidade pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Pedro Wilson Rodrigues. **Condições de trabalho e saúde mental: um estudo com profissionais que atuam no centro de atenção psicossocial**. [Monografia – Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Piauí, UFPI, Parnaíba], 2011.

DE SOUZA, Deise Coelho; AIRES, Carolina Patrícia; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Desafios no cuidado em saúde mental no contexto da pandemia da covid-19. **Inter profissional em saúde mental**, p. 75, 2022.

GONÇALVES, Daniel Maffasioli; STEIN, Airton Tetelbon; KAPCZINSKI, Flavio. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, p. 380-390, 2008.

MONTEIRO, Deise da Silva *et al.* Factors associated with common mental disorder in school teenagers. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020.


OMS. OPAS. **OMS afirma que covid-19 é agora caracterizada como pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 20 jan. 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Declaração sobre a décima quinta reunião do Comitê de Emergência do RSI (2005) sobre a pandemia de covid-19**, 2023. Disponível em: [https://www.who.int/news/item/05-05-2023-statement-on-the-fifteenth-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-\(covid-19\)-pandemic](https://www.who.int/news/item/05-05-2023-statement-on-the-fifteenth-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-(covid-19)-pandemic). Acesso em: 22 maio 2023

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Um guia do usuário para o questionário de autorrelato**. Genebra: OMS; 1993. Acesso em: 30 jan. 2023.

RIBEIRO, Isabel Batista da Silva *et al.* Transtorno mental comum e condição socioeconômica em adolescentes do Erica. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, 2020.

SANTOS, M.S.A. Mental disorders common among teenagers. **Health Sciences Center-Federal University of Recôncavo of Bahia**. Santo Antônio de Jesus-BAHIA, 2016. Disponível em: http://200.128.85.17/bitstream/123456789/1287/1/TCCMarilia_P%C3%B3sbanca%20novo.pdf.



**EIXO II: Gênero, corpo
e saúde mental no
cotidiano social**

Impactos psicológicos da pandemia e a saúde mental das atletas de Levantamento de Peso Olímpico no Maranhão

*Mauricia Paz Aguiar
Cristianne Almeida Carvalho*

RESUMO

O esporte como fenômeno social também é permeado pelos discursos e práticas hostis direcionados às mulheres. Pensando na relação mulher, esporte e pandemia, o presente trabalho apresenta resultados da pesquisa¹ realizada com levantadoras de peso durante o período pandêmico. Ilustra os impactos do isolamento e distanciamento social impostos às atletas, gerando alterações na rotina de treinos e competições, além de outras demandas pessoais. O objetivo principal foi analisar as repercussões da pandemia de covid-19 na saúde mental das atletas profissionais do levantamento de peso olímpico (LPO) no Maranhão. A pesquisa é exploratória e descritiva, com roteiro de entrevistas semiestruturado, analisado pelo método fenomenológico empírico. Dentre os resultados, destacam-se os impactos psicológicos nas atletas, evidenciando sentimentos recorrentes de insegurança, temor de contaminação e/ou transmissão do vírus, insegurança e incertezas diante das medidas de isolamento; danos à saúde mental das atletas, perdas pessoais e materiais, além de dificuldades de adaptação à rotina familiar. Conclui-se que as atletas encontraram estratégias de enfrentamento às consequências vividas na pandemia, mas que a Psicologia do Esporte se confirma como uma ferramenta relevante para acolher o sofrimento e construir estratégias junto às atletas nas demandas psicossociais e da covid-19, além da busca de *performance* com a perspectiva de cuidar da saúde integral das atletas.

Palavras-chave: saúde mental; covid-19; psicologia do esporte; mulheres atletas.

1. A pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Dissertação defendida em 2022 pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFMA.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19 trouxe diversos impactos e mudanças em nossa sociedade; na realidade do esporte maranhense não foi diferente. A vida dos atletas de alto rendimento teve uma mudança no cotidiano de treinos e competições que afetou diretamente aspectos relacionados ao condicionamento físico e à saúde mental.

No que se refere à saúde, em particular a saúde mental, as repercussões do período pandêmico desdobraram-se na vida pessoal e no treinamento de atletas profissionais. Com o adiamento e cancelamento de competições e eventos esportivos, os impactos reverberaram em perdas financeiras e emocionais, bem como, em dificuldades de manter seu nível de condicionamento físico e *performance* longe dos treinos. (Matias; Dominsk; Marks, 2020; Chen *et al.*, 2020; Camilo; Raucci; Furtado, 2022; Pellino *et al.* 2022). Somado a esse cenário, às mulheres atletas acrescentam-se, ainda, as demandas familiares, a carga mental nos cuidados com o lar e/ou com seus filhos.

O medo imposto pela covid-19 foi vivido pela maioria da população mundial, do mesmo modo por atletas e os outros personagens que compõem esse espaço, visto que “[...] não havia estrutura de treinamento para a maioria dos esportes, tanto na prática quanto na prevenção, no que diz respeito às medidas para evitar a disseminação da covid-19” (Camilo; Raucci; Furtado, 2022, p. 333 [tradução nossa]).

Com a imposição de isolamento social, diversas demandas psíquicas e sociais apresentaram-se nesse novo contexto. Além dos efeitos psicossociais relacionados à perda de familiares, a pandemia trouxe outras manifestações, como a ansiedade, irritabilidade, angústia, dentre outras sensações ligadas ao

distanciamento social, determinado para contenção da disseminação da covid-19 (OMS, 2022).

O exercício físico foi uma ferramenta utilizada por muitas pessoas como forma de manutenção da saúde física, inclusive recomendada por instituições de saúde como a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) que, em sua definição de saúde, apesar de ter sido formulada há décadas, continua relevante e é citada como um marco na compreensão da saúde na atualidade, pois enfatiza a importância do bem-estar integral do indivíduo, incluindo o bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença.

No ambiente esportivo, de acordo com o Comitê Olímpico Internacional (COI, 2022), a pandemia escancarou ainda mais as desigualdades de gênero que permeiam a sociedade e que se refletem na esfera esportiva, em todos os seus campos, desde as bases de iniciação esportiva até a elite de alto rendimento, impactando assim, o modo e espaços onde os atletas praticaram o esporte, tendo repercussões ainda maiores para população feminina durante o período pandêmico.

2. MÉTODO

Diante desse cenário, o presente capítulo ilustra um recorte da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação de Psicologia (PPGSI/ UFMA), em 2022, cujo objetivo era analisar as repercussões da pandemia da covid-19 na saúde mental das atletas profissionais do Levantamento de Peso Olímpico (LPO) no Maranhão. A pesquisa foi do tipo exploratória e descritiva, realizando entrevistas com uso de roteiro semiestruturado com todas as atletas profissionais da Federação Maranhense de LPO, um total de três atletas. As análises ocorreram com base método fenomenológico experimental de Amadeo Giogi,

em que busca a compreensão dos fenômenos presentes nos relatos vivenciados pelas participantes, conforme descrevem Orengo, Holanda e Goto (p. 3, 2020): “(a) Estabelecimento do Sentido Geral, (b) Discriminação de Unidades de Significado, (c) Transformação em Linguagem Psicológica e, (d) Síntese.”

Justifica-se o número de participantes por ser um universo de 6 atletas dessa modalidade, em que apenas 3 atenderam aos critérios de inclusão: praticar profissionalmente a modalidade há no mínimo 5 (cinco) anos e pertencer à Federação esportiva.

As participantes apresentam uma média de idade de 36 anos, sendo uma atleta da categoria adulta e duas atletas do master (≥ 35 anos); duas casadas e uma solteira; todas com ensino superior completo; duas das participantes se autodeclararam brancas e uma declarou-se parda; apenas duas participantes afirmaram ter filhos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atualidade, LPO é uma das modalidades olímpicas e tem por objetivo o maior levantamento de peso pela atleta, sendo dividida nas categorias de arranque (*snatch*) e arremesso (*clean and jerk*), além dos grupos etários: juvenil— de 13 até 17 anos de idade; júnior — de 15 a 20 anos de idade; adulto — ≥ 15 anos de idade; master — ≥ 35 anos de idade) sempre considerando o ano de nascimento do atleta (IWF, 2022)².

As participantes que competiam nessas categorias durante a pandemia sofreram implicações psicológicas diversas. Dentre os resultados, destacam-se que as entrevistadas relataram ter

2. A Confederação Brasileira de Levantamento de Pesos (CBLP) segue a definição para o campeonato brasileiro adulto de 2024 em categorias por peso, no feminino (49 kg, 59 kg, 71 kg, 81 kg, + 81 kg) e no masculino (61 kg, 73 kg, 89 kg, 102 kg, + 102 kg), divisão convencionalizada em 2022 pela Federação Internacional (IWF) para as Olimpíadas de Paris 2024.

que adaptar suas rotinas de treinos e conviver com o ambiente doméstico. O treino físico foi uma das ferramentas para a redução da ansiedade das atletas e na melhoria das crises emocionais, como confirma a literatura. Sabe-se que “[...] a prática de exercícios físicos gera diversos benefícios para a saúde e o bem-estar, além de proporcionar qualidade de vida para seu público [...], combate à ansiedade e demais benefícios já são conhecidos pela maioria dos praticantes dessas atividades.” (Alecrim, 2020, p. 49).

Assim, o esforço realizado pelos treinadores, demonstrou um papel importante na manutenção dos treinamentos das atletas e, mesmo sem estruturas e materiais adequados, desenvolveram inúmeras estratégias, respeitando a situação vivida por cada atleta. Os resultados encontrados coadunam com o estudo realizado por Pellino *et al.* (2022), ao demonstrar os impactos do isolamento social em atletas de elite durante a pandemia, constatou-se que as habilidades adquiridas anteriormente, em lidar com eventos estressantes relacionados a treinos intensos e competições, apresentam-se importantes no gerenciamento frente a situações vividas durante o confinamento. Nota-se que houve benefícios para a manutenção do bem-estar das atletas.

Considerando outras pesquisas (Matias; Dominsk; Marks, 2020; CHEN *et al.*, 2020; Camilo; Rauti; Furtado, 2022; Pellino *et al.* 2022), a manutenção dos treinos pelas atletas comprovou que manter o propósito de seguir treinando, ainda que com limitações, promoveu benefícios à saúde mental das atletas, além de proporcionar a preservação do condicionamento físico. Discute-se a partir dos recortes os fenômenos encontrados.

*Duas coisas que a gente fazia bem que eu estabeleci na rotina: **treinar e meditar**. Treinar e meditar para ver se **melhorava essa questão da ansiedade do momento**. E aí a gente começou a fazer os **treinos**,*

*principalmente de **acessório**, a gente conseguiu uma **barra**, que não era barra de levantamento, mas aí a gente foi **adaptando**, então ele [treinador] passava os treinos para gente de **acessório**, mas para que a gente **não perdesse muito**, né, de quando a gente **voltasse**. Aí assim, a gente foi fazendo no terraço de casa. [...] Então eu tinha uma **rotina**, acordava como se tivesse que ir para lá [centro de treinamento], tomava o café e ia treinar (P1).*

Os sentimentos recorrentes vivenciados pelas atletas consistiam em incertezas acerca das medidas de quarentena e do distanciamento social, a insegurança e o medo de contaminar-se e/ou transmitir o vírus³. “Aquele **medo da socialização** [...] só que ao mesmo tempo a gente não tinha informação, então eu tinha receio de chegar lá [na casa do treinador] e meu maior medo era de passar covid” (P1). Essa atleta relatou, ainda, que nos primeiros dias não treinou, pois a insegurança diante do desconhecimento do vírus era maior que sua necessidade de treino como atleta; e a pandemia causou-lhe impactos diversos, de ordem psicológica e fisiológica, trazendo ainda indisposição para as atividades cotidianas.

*Não tem como a gente dizer que seguiu o ritmo dentro da normalidade, né? No primeiro momento onde a gente desconhecia tudo, veio a questão do isolamento e realmente a gente passou uns dias parados sem fazer nada e aí esses dias parados, são dias que, que são **muitos difíceis** para gente que treina todos os dias, né? A gente **sente os impactos fisiológicos, emocionais**, as articulações parecem que ficam mais travadas, você parece que fica menos, assim nessas questões físicas, né, **indispostos** para fazer as atividades, de casa até porque na época a gente só estava em casa (P1).*

As atletas realizaram a continuidade dos treinos com limitações, mesmo fazendo caminhadas e/ou corridas. Estabeleceram

3. Importante ressaltar que as vacinas contra à covid-19, no Brasil, tiveram seu início tardio em relação a outros países, somente em janeiro de 2021.

várias estratégias visando manter o condicionamento físico, pensando no retorno aos treinos presenciais e às competições.

*Eu **continuei treinando** me mantive **ativa** com outros tipos de movimento [...] a gente sabia que ficar parado não ia ser bom, então, a gente **auxiliava nossos atletas** a se mexerem de alguma forma, nem que fosse uma **caminhada**, uma **corrida**, valia tudo, agora **manter o corpo ativo**, porque aquilo ali uma hora ia passar e quem ficasse totalmente parado, tanto a gente quanto eles [...] já ia ter uma dificuldade em voltar [...] então a parte do trabalho, do treinamento, **ajudou** na minha **saúde mental** (P3).*

O desenvolvimento de transtorno alimentar após o período de isolamento social foi relatado por P2, que narrou a necessidade da rápida perda de peso para atingir a meta necessária. Sentia-se nervosa e ansiosa para atingir o peso estabelecido na categoria que disputaria.

*Aí desenvolvi **compulsão alimentar**, aí eu fui trabalhando, né? Tive que trabalhar essa parte psicológica também que eu fiquei muito assim, sei lá, com muito nervosismo. Então, isso foi uma coisa que me afetou muito, que depois que eu perdi esse peso todo desenvolvi uma compulsão alimentar, né, né, e eu ficava assim muito, eu meio que quase, eu não cheguei a entrar em depressão, mas eu **desenvolvi alguns transtornos**, tipo, eu ficava **ansiosa demais**, **nervosa demais** pelo fato de bater a categoria, **estresse**, então tudo isso meio que, aí foi logo depois da pandemia, que eu tive esse choque assim [...] (P2).*

Em algumas modalidades, como no Levantamento de Peso, a proximidade dos períodos competitivos pode alterar a rotina alimentar em praticantes de esporte de alto rendimento, as exigências físicas combinadas às modificações severas podem ensejar o desenvolvimento de transtornos alimentares com categorias que exigem metas de pesagem antes das disputas.

A psicologia aplicada ao esporte é uma especialidade voltada para o bem-estar integral dos praticantes de exercício

ou esporte em diversos contextos. Pode trazer benefícios, tendo como “foco [...] ajudar a melhorar o estado psicológico do esportista e que a melhora de sua *performance* é/será consequência disso” (Pieri; Garcia, 2020, p. 60). Durante a pandemia, profissionais da área realizaram atividades diversas como *lives*, *posts* e outras ações por meio das redes sociais, desempenhando um papel importante na disseminação de conteúdos relacionados ao cuidado com a saúde mental no esporte. No entanto, as participantes da pesquisa não possuíam esse tipo de profissional em sua comissão técnica, fato que foi considerado necessário para elas.

Para Matias, Dominsk e Marks (2020) “o autocuidado psicológico sistemático deve receber alta prioridade no enfrentamento dos impactos prejudiciais da covid-19”, visto que, a longo prazo, ainda não sabemos que outras repercussões poderão advir desses acontecimentos. Os resultados desta pesquisa ilustraram que a ausência dos treinos e competições, bem como de uma rotina, podem gerar também conflitos e estranhamentos em um ambiente familiar, assim como ao fato de que as atletas reconhecem a necessidade de cuidados pessoais, mas também foram capazes de encontrar estratégias de enfrentamento.

4. CONCLUSÃO

Evidenciou-se com os relatos apresentados pelas atletas uma relação benéfica entre as práticas físicas, ainda que reduzidas, realizadas durante o isolamento social, e a preservação do condicionamento físico. O retorno aos treinos e às competições era esperado e garantiu a conservação da saúde mental, por meio de estratégias empreendidas para a superação dos empecilhos e obstáculos vivenciados no período, impostos pela covid-19.

Os atletas de alto rendimento em geral estão vulneráveis tanto em relação à saúde física, risco de lesões, quanto à saúde mental, com o desenvolvimento de transtornos e outros impactos psicológicos. Abordar sobre acompanhamento psicológico no esporte não é algo relacionado somente aos atletas de alta *performance*: várias adversidades relacionadas ao esporte e ao exercício físico podem incluir-se em diversos outros campos de atuação dessa área no ambiente esportivo. A psicologia do Esporte mostrou-se um suporte importante no período pandêmico, construindo estratégias de enfrentamento das adversidades consequentes. Os profissionais mostram-se mais eficientes e atentos nas relações concernentes ao entendimento global do atleta, sua *performance* e a relação com sua saúde mental, considerando as características biopsicossociais e os impactos à sua individualidade e ao seu fazer profissional.

REFERÊNCIAS

- ALECRIM, J. V. C. Uma análise sobre a essencialidade das academias e possíveis alternativas para prática de exercícios. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 48–52, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/122>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- CAMILO, J. A. O.; RAUCCI, G. Z.; FURTADO, R. N. Meanings of the postponement of the Tokyo 2020 Olympic Games for Brazilian Olympic athletes. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 46, p. 330-339, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8547048>. Acesso em: 19 nov. 2022.
- CHEN, P *et al.* Coronavirus disease (covid-19): The need to maintain regular physical activity while taking precautions. **Journal of sport and health science**, v. 9, n. 2, p. 103, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jshs.2020.02.001>. Acesso em: 14 mar. 2023.

ORENGO, F. V.; HOLANDA, A. F.; GOTO, T. A. Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: uma compreensão empírica. **Psicologia em Estudo**, v. 25, p. 25, 2020. Acesso em: 20 jun. 2025.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). **Gender equality & inclusion** Report 2021. 2022. Disponível em: www.olympics.com/ioc/gender-equality . Acesso em: 20 jan. 2024.

INTERNATIONAL WEIGHTLIFTING FEDERATION – IWF. **Technical and Competition Rules & Regulations**. Hungary: IWF, 2022. Disponível em: https://iwf.sport/wp-content/uploads/downloads/2020/01/IWF_TCR_2020.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

MATIAS, T.; DOMINSKI, F. H.; MARKS, D. F. Human needs in covid-19 isolation. **Journal of health psychology**, v. 25, n. 7, p. 871-882, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1359105320925149>. Acesso em: 14 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE-OMS. **Relatório sobre a Saúde no mundo 2001**. OPAS; OMS, 2001. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0205.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2023.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **World mental health report: transforming mental health for all**. OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 9 fev. 2023.

PELLINO, V. C. *et al.* Effects of the lockdown period on the mental health of elite athletes during the covid-19 pandemic: A narrative review. **Sport Sciences for Health**, v. 18, n. 4, p. 1187-1199, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11332-022-00964-7>. Acesso em 09 mar 2023.

PIERI, R. D. V.; GARCIA, R. P. Aspectos do cuidar na Psicologia do Esporte. In: MEDEIROS, C.; LACERDA, A. Esporte, saúde mental e sociedade. Passavento, SP. 2020. p. 55-67.

A intensificação das desigualdades no trabalho doméstico e na saúde mental das mulheres maranhenses na crise sanitária mundial de covid-19

Juliana Ferreira Martins

Lorena Coutinho Lima

Monica Milena Murakami

Carlos Wellington Soares Martins

RESUMO

O ensaio teórico analisa o impacto da pandemia de covid-19 sobre o trabalho reprodutivo e doméstico no Maranhão, destacando a desigualdade de gênero e a sobrecarga feminina nesse contexto. A crise sanitária intensificou a divisão entre trabalho produtivo e reprodutivo, reforçando a responsabilização das mulheres — especialmente as mulheres racializadas — pelo cuidado familiar e doméstico. Dados do IMESC e IBGE evidenciam a predominância feminina na população maranhense e a precarização do trabalho, com alta informalidade e baixos salários, afetando principalmente mulheres negras e periféricas. A pandemia escancarou a lógica da necropolítica, expondo grupos vulneráveis a maiores riscos, enquanto o trabalho reprodutivo, apesar de essencial, seguiu invisibilizado e sem reconhecimento financeiro. Além disso, a literatura utilizada no estudo apresenta lacunas, excluindo mulheres trans, travestis e lésbicas das análises sobre gênero e trabalho. Por fim, o ensaio aponta a demanda por mais estudos sobre a realidade maranhense, além da urgência de políticas públicas que valorizem e reconheçam o trabalho reprodutivo. Apesar de avanços como a PEC das Domésticas, a desigualdade persiste, demonstrando a necessidade de ampliar o debate e incluir a diversidade de experiências das mulheres na análise sobre gênero e trabalho.

Palavras-chave: trabalho reprodutivo; pandemia; Maranhão.

1. INTRODUÇÃO

A crise sanitária mundial de covid-19 intensificou problemas históricos que são inerentes à sociedade capitalista, escancarando o abismo existente entre pessoas privilegiadas e grupos historicamente subalternizados, comprovando empiricamente que a luta de classes segue mais viva do que nunca. Se a sociedade é capitalista, isso implica dizer que a exploração caminha lado a lado com a opressão, e as mulheres, dentre outros grupos minorizados, viram o trabalho doméstico, trabalho remunerado e a saúde mental entrarem na ordem do dia dos debates. Essas problemáticas, por vezes ocultas, foram potencializadas no período da pandemia.

No capítulo “A base tradicional: civilizações e patriarcado”, na obra “História das relações de gênero”, de Stearns (2018), demonstra-se o surgimento das civilizações e em como, ao longo do tempo, as desigualdades de gênero aprofundaram-se. Cada civilização tinha a sua especificidade para reforçar o patriarcado, unindo questões de gênero com a sua estrutura cultural e institucional. Historicamente, o lugar reservado às mulheres é o de objeto do desejo masculino, do cuidado com a família e com a casa (Butler, 2003).

A lógica de divisão e hierarquização generificada, por consolidar-se ao longo do tempo, tornou-se central na organização do trabalho na sociedade. Um dos componentes dessa estrutura é o trabalho reprodutivo, o qual se refere às atividades de cuidados familiares, domésticos e comunitários, além da manutenção do lar e dos trabalhadores fora do trabalho produtivo, envolvendo, portanto, trabalho físico, emocional e mental (Bhattacharya, 2023).

Foi, justamente, esse conjunto de funções que se intensificou durante a pandemia de covid-19. Devido ao isolamento

social e o fechamento de serviços que auxiliam na reprodução social. As demandas do trabalho reprodutivo aumentaram, principalmente, para as mulheres, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Matias; Araújo, 2023). Para Souza e Andrade (2021), existe uma expectativa social que responsabiliza, quase exclusivamente, às mulheres pelo cuidado e suporte familiar em situações de crises.

Nesse sentido, embora o trabalho reprodutivo tenha se tornado mais visível durante a pandemia, ele permaneceu subalternizado e não reconhecido simbolicamente e monetariamente (Hirata, 2022). Por isso, torna-se fundamental discutir as configurações do trabalho não remunerado no contexto pandêmico, analisando como determinadas desigualdades são mantidas e foram exacerbadas nesse período. É nesse debate que este ensaio se insere, buscando compreender as dinâmicas do trabalho reprodutivo durante a pandemia de covid-19, especificamente no Maranhão. Este ensaio é de perspectiva teórica e, quanto aos objetivos, configura-se como explicativo, de abordagem qualitativa e caracterizado como uma pesquisa documental.

2. DESENVOLVIMENTO

Com base no Censo de 2022, o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC) divulgou, em 2024, o Boletim Social do Maranhão, evidenciando a predominância feminina na população do estado. Em São Luís, por exemplo, há cerca de 554.274 mil mulheres, 117.881 a mais que os homens. O boletim também apresenta dados sobre a autodeclaração racial, destacando que 66,4% da população se identifica como parda.

Outro aspecto importante apontado pelo documento é o envelhecimento populacional no Maranhão. O estado ocupa a quinta posição no país com a maior quantidade de pessoas com 100 anos ou mais; e a décima posição com a maior quantidade de pessoas com 80 anos ou mais. Juntamente a essa tendência, o IMESC explicita que a proporção da população potencialmente ativa, no Maranhão, é uma das mais baixas do país, e, além disso, apresenta uma alta relação de dependência entre a população considerada economicamente dependente (pessoas com menos de 15 anos e mais de 64 anos de idade) e a população com potencial produtivo (pessoas entre 15 e 64 anos de idade).

Tais características, segundo o IMESC (2024), estão associadas ao aumento da expectativa de vida da população, às mudanças de natalidade, às políticas de planejamento familiar e ao crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, essa maior presença feminina no mundo do trabalho não se dá sem tensionamentos, principalmente no que tange à divisão do trabalho produtivo e reprodutivo. O primeiro refere-se ao trabalho remunerado e público, enquanto o segundo, ao trabalho não remunerado e privado, sendo que ambos são, comumente, separados e hierarquizados a partir do gênero (Silva; Gomes, 2022).

Essa hierarquização do trabalho a partir do gênero não afeta todas as mulheres de forma homogênea. Torna-se notório analisar como outros marcadores sociais das diferenças e contextos sociais interferem sobre os corpos e as subjetividades das mulheres, especialmente no contexto da pandemia de covid-19, pois a crise sanitária exacerbou ainda mais as desigualdades de gênero, destacando a invisibilidade desse tipo de trabalho (Guimarães; Daou, 2021).

Dessa maneira, ao se analisar a realidade maranhense, o estado do Maranhão foi um dos estados brasileiros mais afetados, inicialmente, pela covid-19, registrando o maior ritmo de crescimento de óbitos, com São Luís sendo a capital brasileira em que o contágio avançou aceleradamente. Além disso, o estado foi o primeiro território a adotar medidas mais severas de isolamento social (Murilo, 2020). Como consequência, diversas restrições foram estabelecidas e mudanças significativas no mundo trabalho foram provocadas.

Em 2020, segundo o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Maranhão apresentou a menor taxa de trabalhadores com carteira assinada do país, com apenas 38,1% dos maranhenses, em idade de trabalhar, ocupados, enquanto 59% estavam na informalidade (GI MA, 2021). Além disso, o Maranhão foi um dos lócus de maior discussão dos serviços essenciais, visto que, assim que o *lockdown* começou, o trabalho doméstico foi considerado como indispensável (Barros, 2021), evidenciando a centralidade dessa atividade para a manutenção da reprodução social.

Portanto, a precarização laboral intensificada pela pandemia, no Maranhão, também refletiu, como já citado, no aumento do trabalho reprodutivo (Matias; Araujo, 2023). Confirmando, assim, que a crise sanitária não alterou a estrutura de responsabilização pelo cuidado não remunerado, o qual se manteve sobre as mulheres, enquanto esposas, mães, irmãs etc. (Hirata, 2022).

A partir dessa compreensão, considerando o perfil demográfico maranhense, pode-se inferir que a população mais sobrecarregada com essas atividades, durante o contexto pandêmico, foi, predominantemente, feminina e parda. Ou seja, além de ser generificado, o trabalho reprodutivo também se mostra racializado, sendo desempenhado por uma parcela

específica da população. Parcela essa que garante o funcionamento da engrenagem do capitalismo ao naturalizar o trabalho reprodutivo como função das mulheres, além de transmiti-lo geracionalmente, organiza e explora as mulheres racializadas para manter a reprodução dos trabalhadores e acumulação de capital (Vergès, 2023; Federici, 2019).

Essa engrenagem não só naturaliza, organiza e explora, como também define, brutalmente, quais vidas importam e quais vidas são descartáveis, por meio da precarização das condições de existência de determinados grupos (Vergès, 2023). No contexto pandêmico, essa lógica necropolítica (Mbembe, 2018) foi ainda mais escancarada: enquanto algumas pessoas podiam manter o isolamento social, outras foram forçadas a se expor e permanecer trabalhando. Dessa forma, compreende-se o caráter social dos efeitos pandêmicos, posto que as possibilidades de enfrentamento de cada corpo foram atravessadas pelos marcadores sociais da diferença, principalmente os de gênero, raça e classe (Barros, 2021).

Todavia, a pandemia não criou esse cenário, ela apenas potencializou o que já acontecia: quem segue sendo protegido e quem pode ser sacrificado, confirmando empiricamente a formulação teórica e política do já mencionado Achille Mbembe (2018), em sua obra “Necropolítica”, quando o Estado reforça seu caráter de classe usando o biopoder para classificar quais corpos vivem e quais morrem, seguindo com o projeto de dizimação de determinados grupos. Da mesma maneira, a pandemia exteriorizou, diante da vulnerabilidade da existência humana, a centralidade do cuidado para a vida, revelando a importância do trabalho de cuidado (Hirata, 2022).

No cenário maranhense, um aspecto que chama a atenção, já descrito anteriormente, é o envelhecimento populacional. Essa retomada é importante porque esse grupo é visto como

dependente, necessitando de cuidado, assim como crianças e adolescentes. No entanto, a responsabilidade, tanto no âmbito doméstico como profissional, recai sobre as mulheres. Nesse contexto, Federici (2019) descreveu o fenômeno denominado “geração sanduíche”, referindo-se a uma geração que cuida de outras gerações ao mesmo tempo, sendo, particularmente, as mulheres que são sobrecarregadas e esmagadas com essas múltiplas funções de cuidado.

À vista disso, retornando para as concepções de Hirata (2022), a crise sanitária não só reforçou essas relações, como expôs que todos precisam de cuidado, isto é, ressaltou a interdependência dos seres humanos ao alterar as perspectivas de autonomia, dependência e vulnerabilidade compreendidas até então. Assim, a pandemia visibilizou o trabalho de cuidado, mas, ao mesmo tempo, perpetuou a invisibilidade da sobrecarga de trabalho e da experiência singular de cuidado das mulheres maranhenses. Tal contradição agrava-se diante da ausência de estudos, dados e políticas públicas que reconheçam, concretamente, a complexidade dessa realidade.

No Maranhão, a escassez de pesquisa sobre o tema evidencia uma importante lacuna para a compreensão do trabalho reprodutivo e na formulação de respostas às suas necessidades. O tímido debate encontrado refere-se ao trabalho reprodutivo remunerado, o qual teve avanços na sua formalização com a PEC das Domésticas (Emenda Constitucional nº 72, de 2013), que ampliou os direitos trabalhistas da categoria. Posteriormente, em 2015, a Lei Complementar nº 150 instituiu direitos como a obrigatoriedade do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), o seguro-desemprego, a jornada de trabalho limitada a 44 horas semanais, além do pagamento de horas extras e adicionais noturnos.

Apesar dos avanços, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) indicam que uma parcela significativa das trabalhadoras domésticas ainda atua na informalidade, situação ainda mais prevalente entre mulheres negras e periféricas. O trabalho doméstico também se destaca pela precarização, marcada por remunerações significativamente mais baixas em relação a outras profissões e, frequentemente, por condições laborais adversas, incluindo exploração, assédio e exposição a riscos de acidentes (Souza, 2021).

Portanto, o cenário pandêmico evidenciou a sobreposição de desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho e em espaços familiares. Mais do que isso, demonstrou falhas na garantia dos direitos trabalhistas das trabalhadoras e em como a exploração do trabalho doméstico remunerado está intrinsecamente ligada à desvalorização do trabalho reprodutivo não remunerado. Ambos expõem como o sistema dominante se manifesta em diferentes esferas da vida das mulheres maranhenses, podendo, ao explorar e oprimir, potencializar sofrimentos e precarizar as condições de saúde mental.

3. CONCLUSÃO

Este ensaio teórico pretendeu, mesmo que inicialmente, apresentar um panorama acerca do debate de gênero e as relações de trabalho, com foco no trabalho reprodutivo e doméstico e na saúde mental no contexto maranhense. Para isso, partiu de uma compreensão histórica, situando que, desde a formação das relações patriarcais na sociedade e, sobretudo, com a separação do trabalho produtivo e reprodutivo, surgiram as demandas referentes às diferenças entre homens e mulheres em relação ao trabalho. Diferenças que se perpetuam

ao longo do tempo e constituem aspectos relevantes para um olhar crítico da temática proposta.

Nesse sentido, destacou-se que invisibilizar o trabalho reprodutivo é também invisibilizar um trabalho importante na manutenção e bem-estar psicossocial, assim como reforçar a sobrecarga de trabalho e a exploração das mulheres. Além disso, evidenciou-se a dificuldade de localização de trabalhos que apresentassem a discussão das categorias elencadas no contexto maranhense, o que salienta a demanda por mais estudos sobre a temática no estado e o desenvolvimento/implementação de ações que sustentem uma nova organização social.

Por fim, outro ponto a se destacar é a ausência de menção ou foco de mulheres trans e travestis e mulheres lésbicas nos estudos e pesquisas utilizados para balizar a discussão. Tal fato aponta a invisibilização dessas corporalidades, orientações sexuais e identidades ao se debater gênero, feminismo e a questão da mulher, tendo, em sua maioria, uma orientação cisheteronormativa que deixa escapar a pluralidade acerca do que é ser mulher no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. S. “**Nós lutamos por dignidade. Quem não luta por seus direitos**”: trabalhadoras domésticas em contexto de pandemia de covid-19 na cidade de São Luís-Maranhão. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

BHATTACHARYA, T. **Teoria da reprodução social**: remapeamento de classe, recentralização da opressão. São Paulo: Elefante, 2023.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 72**, de 2 de abril de 2013. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 03 abr. 2013.

BRASIL. **Lei Complementar n. 150**, de 1 de junho de 2015. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico e dá outras disposições. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 02 jun. 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

GUIMARÃES, S. L.; DAOU, S. Z. Divisão sexual do trabalho, trabalho reprodutivo e as assimetrias de gênero na pandemia da covid-19. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 2, n. 1, 2021. DOI: 10.9771/revdirsex.v2i1.42979. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/42979>. Acesso em: mar. 2025.

G1 MA. **Maranhão tem o 2º menor nível de ocupação do país em 2020, aponta IBGE**. Portal G1, 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/03/10/maranhao-tem-o-2o-menor-nivel-de-ocupacao-do-pais-em-2020-aponta-ibge.ghtml?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: fev. 2025.

HIRATA, H. **O cuidado: teorias e práticas**. São Paulo: Boitempo, 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** (PNAD Contínua). Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IMESC. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Boletim Social do Maranhão: população maranhense no Censo 2022**. São Luís, v. 6, n. 1, jan./abr., 2024.

MATIAS, K. A.; ARAUJO, A. B. Configurações do trabalho doméstico remunerado na pandemia e no pós-pandemia no Brasil: desigualdades e vulnerabilidades no cuidado domiciliar. In: CAMARANO, A.; PINHEIRO, L. **Cuidar, verbo transitivo: caminhos para a provisão de cuidados no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2023. Cap. 7.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MURILO, S. **Lockdown no Maranhão**: como foi o primeiro estado a implementar a medida. Politize!, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lockdown-no-maranhao/>. Acesso em: fev. 2025.

SOUZA, L. A precarização do trabalho doméstico e os desafios da regulamentação. *Revista Brasileira de Sociologia*, Rio de Janeiro, v. 3, pág. 123-140, 2021.

SOUZA, A. L.; ANDRADE, F. L. Gênero e Cuidado em tempos de pandemia – reflexões em perspectiva interseccional. *Revista Feminismos*, Bahia, v. 8, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/39089>. Acesso em: fev. 2025.

SILVA, F. A.; GOMES, L. Cuidar é trabalho: a perspectiva de gênero no trabalho reprodutivo. *In: Mostra Científica em Antropologia e Saúde: diálogos em gênero, diversidade e direitos humanos*. Fiocruz, v. 1, n. 1, p. 8185, 2022.

STEARNS, P. N. A base tradicional: civilizações e patriarcado. *In: STEARNS, P. N. História das relações de gênero*. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 27-59.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Os sentidos do cuidado no trabalho de técnicas de enfermagem a partir do contexto pandêmico

Luiza Mariana de Sousa

Carla Vaz dos Santos Ribeiro

Alynnne Virginya de Queiroz Lima

Ana Gabrielle Sousa Costa

Carla Vanessa Matos Teixeira

RESUMO

A Enfermagem é perpassada historicamente pelas práticas do cuidado, o que pode ser pensado por meio da Psicodinâmica do Trabalho, enquanto uma categoria central doador de sentido ao trabalho para os profissionais da área. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo analisar os sentidos do cuidado no trabalho de técnicas de enfermagem a partir do contexto da pandemia de covid-19. Adotou-se como aporte teórico para o estudo a Psicodinâmica do Trabalho, que disserta acerca dos aspectos dinâmicos envolvidos entre o sujeito e seu trabalho. Em diálogo com esse referencial, baseia-se também nas concepções do materialismo histórico-dialético, compreendendo o ser humano como ser social e histórico, produtor e produto da realidade em que está inserido. Foram realizadas 8 (oito) entrevistas semiestruturadas com profissionais técnicas de enfermagem em processo de aposentadoria que atuam ou atuaram em instituições públicas de saúde. As informações obtidas pelas entrevistas foram analisadas por meio da teoria social do discurso, que possibilita a compreensão do discurso em sua relação dialética com a estrutura sociocultural. Percebeu-se alguns aspectos em relação à prática profissional das técnicas de enfermagem, que são alarmantes em relação à precarização do trabalho, à falta de reconhecimento e ao sofrimento vivido pela categoria, ressaltados pelo contexto pandêmico. Constatou-se que tal cenário tem impactado de modo significativo os sentidos atribuídos ao cuidado pelas profissionais no cotidiano laboral.

Palavras-chave: cuidado; técnicas de enfermagem; pandemia.

1. INTRODUÇÃO

Pensar em trabalho é também abordar sobre uma categoria sociológica-chave que significa, de modo muito íntimo, a vida dos sujeitos trabalhadores e, portanto, transforma a natureza humana de quem o realiza (Ribeiro; Leda, 2018). Multifacetado e multideterminado como é, mais um degrau na construção social da noção de trabalho foi estabelecido com a entrada da pandemia de covid-19 no cenário mundial. Ao realizar um recorte dos impactos da pandemia, em relação ao cotidiano de trabalho, identifica-se, a partir do seu surgimento, uma imensa desestruturação das relações laborais, além de uma agudização das problemáticas já existentes.

Esse cenário caótico que se instaurou a partir de 2020 encontrou um mundo do trabalho que, mesmo antes da pandemia, já apresentava traços predominantes de precarização e intensificação da atividade laboral, contando com direitos trabalhistas decrescentes, vínculos frágeis e frouxos, exploração, instabilidade em ascensão e sobrecarga de trabalho. É nesse contexto que cabe destacar a importância dos profissionais de saúde no combate à covid-19, e mais especificamente a enfermagem, a qual integra o maior contingente técnico do conjunto da força de trabalho em saúde no Brasil (Machado *et al.*, 2020).

No que diz respeito aos sentidos atribuídos ao trabalho da enfermagem, o cuidado comparece como um dos principais, sendo o objeto de trabalho central na prática profissional. A relação do cuidado com a enfermagem tem sua origem na própria constituição da profissão, a qual, desde o início, teve a mulher como a maior força de trabalho. Essa questão pode ser relacionada ao que é imposto à figura da mulher em nossa sociedade.

Viver um trabalho que (re)conecta o ser humano com algo que lhe é puramente instintivo, primordial — o cuidado com o outro para que esse sobreviva — comparece como uma atividade extremamente doadora de sentido, não só para o trabalho, mas para a vida. Por outro lado, os conflitos vivenciados por meio de jornadas de trabalho exaustivas são razões que favorecem as dificuldades no ambiente laboral. Soma-se a isso os desafios impostos à equipe de enfermagem ao lidar com as angústias dos pacientes e familiares, além da possibilidade de convivência diária com a morte (Pfluck; Graff; Rosa, 2019), fato intensificado durante a pandemia de covid-19.

Frente ao quadro exposto, investigou-se sobre os mecanismos intersubjetivos mobilizados pelas profissionais de enfermagem abordadas pela presente pesquisa. Busca-se compreender o processo de atribuição dos sentidos do cuidado no trabalho das técnicas de enfermagem, a partir do contexto da pandemia de covid-19.

2. MÉTODO

A realização da pesquisa apropriou-se da Psicodinâmica do Trabalho como abordagem teórica, em diálogo com a abordagem sócio-histórica, agregando os aspectos dinâmicos envolvidos no ato de trabalhar em sua articulação com o social. Quanto à natureza da pesquisa, escolheu-se a qualitativa.

Os critérios de inclusão dos participantes tiveram como base um projeto de pesquisa maior, do qual o capítulo é um recorte, sendo eles: exercer a função de técnicas de enfermagem com direito adquirido para a aposentadoria, ter sido ou ser atuante no setor público na cidade de São Luís-MA, em instituições de saúde das esferas federal, estadual e/ou municipal. Já os critérios de exclusão foram: não ter atuado

profissionalmente como técnica de enfermagem em uma instituição pública de saúde, ter se aposentado antes do mês de março de 2020, possuir qualquer condição que limite a capacidade de participação no estudo e/ou recusa em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Participaram da pesquisa 8 (oito) profissionais, todas do sexo feminino, com uma média de idade de 64 anos. Todas as entrevistadas autodeclararam-se pardas, com níveis de escolaridade variando entre: ensino médio/técnico, ensino superior completo ou incompleto e pós-graduação. Já em relação à renda mensal, 2 (duas) participantes relataram ganhar até um salário-mínimo; 3 (três) recebiam entre 1 e 3 salários; 2 (duas) entre 3 e 5 salários; e apenas 1 (uma) recebia acima de 7 salários.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa considera os sentidos e os significados do trabalho enquanto categorias interdependentes, pois o que acontece individualmente inclui aspectos da sociedade em que o sujeito está inserido, por meio dos significados do trabalho compartilhados pelo grupo profissional ao qual pertence; e, quanto ao nível de sociedade, a qual estabelece o significado social e cultural ao trabalho, há também os aspectos singulares dos indivíduos que a compõem (Neves *et al.*, 2018).

Por sua vez, a categoria profissional da enfermagem tem como um dos principais pilares o cuidado enquanto um dos mais importantes sentidos dados ao trabalho na área. É possível elencar o cuidado com o outro como um dos propósitos mais relevantes do trabalho para as entrevistadas, como fica nítido nas falas seguintes:

É algo muito importante para a vida do ser humano, o trabalho, especificamente na minha área, eu sou muito grata porque é um tipo de trabalho que eu sempre gostei e porque é relacionado em ajudar o outro, em benefício do outro. (Entrevistada 4).

Então trabalhar na saúde para mim significa o cuidar, tanto da família como do usuário. (Entrevistada 5).

O cuidado é um dos principais identificadores da enfermagem enquanto profissão. O desejo de doação ao próximo por meio do cuidado é algo presente no imaginário das profissionais da enfermagem, desde antes da vida profissional, enquanto uma necessidade pessoal em satisfazer o outro (Andrade; Caetano; Maier, 2018).

De forma contraditória, o cuidado comparece nas entrevistas tanto como mobilizador de prazer, como de sofrimento no trabalho em Enfermagem. O que corrobora com a proposta da Psicodinâmica do Trabalho, que entende o prazer e o sofrimento a partir de uma perspectiva dinâmica, estando essas duas categorias interligadas e indissociáveis. O relato da entrevistada 8, sobre vivências na sua trajetória, e, sobretudo, no contexto pandêmico, retrata bem essa situação: “[...] eu vi muita coisa bonita, mas vi muitas barbaridades.” (Entrevistada 8).

Como disposto nas falas que serão apresentadas, a falta de reconhecimento do cuidado desempenhado pelas profissionais é um forte mobilizador de sofrimento: “[...] você dá tudo de si e não ouve um obrigada. Eles acham que essa é a nossa obrigação. Se eles estão doentes, eles até passam a frustração deles para gente.” (Entrevistada 3).

Diante da dedicação extrema, por parte das profissionais da enfermagem, somada à precarização do trabalho, evidencia-se também a sobrecarga de trabalho enquanto mobilizadora de sofrimento para essas trabalhadoras, que precisam se desdobrar

para conseguir atender às demandas presentes no contexto laboral: “[...] o técnico de enfermagem, o enfermeiro, ele só dá, não leva nada para casa além do cansaço [...] a gente deixa a nossa energia, nosso sentimento e leva para casa cansaço e doenças.” (Entrevistada 5).

Além disso, como afirmam Fernandes *et al.* (2022), a qualidade do cuidado em enfermagem está diretamente associada à percepção de melhora do paciente, fazendo com que os trabalhadores da área se sintam na responsabilidade de cuidar, curar e zelar pela vida. A morte do paciente pode comparecer então para esse trabalhador como um fracasso do seu próprio trabalho, um fracasso do cuidado, que lhes é tão caro: “Gente, a morte, a gente nunca se acostuma com a morte. O difícil não é fazer um pacote do defunto, é você ver a pessoa viva e depois a notícia de que ela foi a óbito.” (Entrevistada 5).

Somadas às questões mobilizadoras de sofrimento, anteriormente citadas, — e que, de diversas formas, já compareciam nos mais diferentes contextos de trabalho na área da saúde —, há que se considerar as especificidades trazidas com a pandemia de covid-19. Corroborando com essa discussão, Souza e Souza (2020) afirmam que, com as novas demandas advindas da pandemia, observa-se um realce dos déficits na saúde pública do país, ressaltados em situações como: a permanência de profissionais infectados no contexto laboral, elevado número de óbitos entre a categoria, falta de estrutura e apoio logístico/de materiais para segurança dos profissionais, adoecimento físico e psíquico.

A seguir, a fala de uma entrevistada corrobora com as problemáticas evidenciadas pelo contexto pandêmico: “Sem dúvida a pandemia foi muito impactante para os profissionais da área de saúde [...] A gente nunca mais foi a mesma pessoa” (Entrevistada 5).

Devido às participantes fazerem parte do grupo de risco para a covid-19, o período da pandemia anterior às vacinas foi marcado pelo afastamento dessas trabalhadoras dos seus ambientes de trabalho, a fim de resguardá-las de possíveis infecções e complicações causadas pelo vírus. Vale ressaltar que, não coincidentemente, as participantes do estudo pertenciam ao grupo de risco para a doença, mas por estarem todas em processo de aposentadoria — um dos focos do projeto de pesquisa maior do qual o artigo é parte integrante. Diante desse afastamento, surgiu, inclusive, o sentimento de culpa citado pela Entrevistada 7, por não estar podendo exercer sua função no trabalho: “Sabe que eu me culpava? poxa eu tô bem aqui em casa e muitas colegas com covid. passando mal [...] perdemos médicos [...] perdemos muitos vizinhos [...] isso me abalava muito.” (Entrevistada 7).

De forma semelhante, desempenhar o cuidado em Enfermagem também pode ser uma fonte de prazer no trabalho:

[...] a área da saúde, ou qualquer outra área, você tem que ter o vínculo de amizade, porque a gente trabalha com o ser humano, às vezes eles chegam, desabafam, eles conversam, a gente brinca, sorri, tanto que se passar uma semana sem mim, sentem a minha falta, os pacientes ligam (Entrevistada 6).

As entrevistadas 7 e 8 citam como fonte de prazer a relação de cuidado que talvez seja a mais importante no trabalho em Enfermagem, que é a estabelecida entre o profissional e o paciente, o que corrobora com a ideia de cuidado enquanto uma categoria central na área: “[...] o que eu sonhava, fazer, me disponibilizar com os pacientes eu cheguei a fazer, eu me

dedicava muito pros meus pacientes, me dedicava muito, eu sentia prazer.” (Entrevistada 7).

De maneira geral, foi possível elencar diversos aspectos relacionados à categoria profissional das técnicas de enfermagem, principalmente, no que diz respeito ao cuidado enquanto prática doadora de sentido para os seus trabalhos. É importante ressaltar o quanto essa prática percorre historicamente a profissão, até mesmo em relação ao marcador de gênero discutido anteriormente neste artigo.

Entretanto, o cuidado surge também enquanto um indicador de sofrimento e de exposição dessas trabalhadoras a contextos extremamente precarizados, visto que esse trabalho de cuidar se eleva aos limites de uma missão, servidão e, até mesmo, sacrifício. Essa discussão ressalta a importância de uma maior atenção para a categoria, principalmente quanto aos direitos trabalhistas, envolvendo também a atenção à saúde mental dessas profissionais.

4. CONCLUSÃO

A pandemia do novo coronavírus, propagada em escala mundial, a partir de 2020, exigiu diversas adaptações na rotina das pessoas e uma maior participação da força de trabalho dos profissionais de saúde, dentre os quais, os da Enfermagem.

Observou-se por meio da pesquisa bibliográfica que o ato de cuidar está institucionalizado como parte da profissão da área de Enfermagem, conforme preconizado pela Política Nacional de Humanização, adotada pelo SUS. O cuidado constitui-se, ainda, como um engajamento ético, político e humano, ligada à atividade dos profissionais dessa área.

O cuidado como mobilizador do sofrimento psíquico, apontado na literatura, também compareceu nas falas das

entrevistadas da seguinte forma: acompanhar a situação grave de doença e morte dos pacientes; falta de reconhecimento do trabalho desempenhado; precarização das condições de trabalho, com falta de materiais de segurança e equipamentos necessários para o desempenho das atividades; sobrecarga laboral agravada na pandemia com mais tempo dispendido na jornada de trabalho; óbitos de colegas no exercício da profissão; afastamento do trabalho, devido ao fato de serem parte do grupo de risco, em relação à idade, gerando sentimento de culpa em relação aos colegas que permaneceram em atividade.

A partir do levantamento bibliográfico e da pesquisa de campo, pode-se afirmar que uma das principais contribuições deste estudo está relacionada à ampliação da discussão em torno do sentido do cuidado entre os trabalhadores da enfermagem. Dessa forma, os ganhos atribuídos à pesquisa envolvem a contribuição teórica para a área da enfermagem, principalmente em relação à importância da prática do cuidado para os trabalhadores da área, inclusive no contexto de enfrentamento da pandemia de covid-19, no qual esses profissionais foram indispensáveis.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO CV dos S; LEDA, DB. Sentidos atribuídos ao trabalho na sociedade contemporânea e as repercussões na subjetividade do trabalhador. *Revista Espaço Acadêmico*. 2018 [citado 2023 jun. 10]; 18(211), 39-49. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/45047>.


MACHADO MH, PEREIRA EJ, XIMENES NETO FRG, WERMELINGER MCMW. Enfermagem em tempos de covid-19 no Brasil: um olhar da gestão do trabalho. *Enfermagem em Foco*. 2020; 11(1, n.esp): 32-39.

PFLUCK NCD; GRAFF VA; ROSA RS. Processo de trabalho em saúde: do taylorismo às contribuições contemporâneas. *In: WARMLING CM, MARQUES L, ROSA RS. O trabalho e a educação nas redes de saúde: contribuições coletivas.* Curitiba: Prismas; 2019.

NEVES DR, NASCIMENTO RP, FELIX JR MS, SILVA FA DA, ANDRADE ROB de. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cad EBAPEBR* [Internet]. 2018 [citado 2023 mar. 30] abr; 16(2): 318-30. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395159388>.

ANDRADE LMS, CAETANO E, MAIER SRO Enfermagem como profissão: reflexões sobre as concepções de acadêmicos ingressantes sobre o trabalho e sua precarização. *Arquivos eletrônicos científicos* [Internet]. 2018 [citado 2023 mar. 30]; 11 (4): 69-77. Disponível em: <https://doi.org/10.36560/1142018530>. Fernandes NM da S, Coronel DA, Gama DM, Freitas PH, Viero V. Prazer e sofrimento no trabalho da enfermagem: revisão integrativa. *Research, Society and Development.* 2022 [citado 2022 set. 05]; 11(3). Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/26573/23291/311520>.

SOUZA LPS, SOUZA AG. Enfermagem brasileira na linha de frente contra o novo Coronavírus: quem cuidará de quem cuida? *J. nurs. Health.* [Internet] 2020 [citado 2022 nov. 10]; 10(4). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1095606>.



**EIXO III: Trabalho,
resistência e
reconstrução social**

Meu lar, meu local de trabalho? O trabalho remoto emergencial de docentes

*Hugo Leonardo Ferreira Araujo
Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa*

RESUMO

A instituição do ensino remoto emergencial, por meio das ferramentas de tecnologias de informação e comunicação (TIC's), em razão da pandemia de covid-19, alterou a organização do trabalho dos docentes. O objetivo deste artigo é investigar as condições de trabalho dos professores e verificar os fatores que mais impactaram negativamente a qualidade de vida (QV) na pandemia. Utilizou-se o método quantitativo, exploratório, descritivo, bibliográfico e estudo de caso. Os resultados apontaram que 69,3% dos docentes precisaram adaptar a casa para a realização do trabalho remoto emergencial e que o fator que mais comprometeu a QV dos professores foi o acúmulo de trabalho, com 48,5% das respostas obtidas. A pesquisa indica que, além dos desafios para a organização do trabalho, ressaltam-se os obstáculos de ordem econômica, tecnológica, de saúde e segurança ao docente que precisou transformar o seu lar em um local de trabalho e ainda sobreviver ao coronavírus.

Palavras-chave: professores; ensino superior; pandemia.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho contemporâneo apresenta uma nova dinâmica laboral, derivada das constantes evoluções do mundo social, econômico, político e organizacional, abrangendo desde o período da estrutura produtiva manual até 4ª Revolução Industrial ou Sociedade Pós-industrial, que é marcada pela inteligência artificial; *internet* das coisas; arranjo de trabalho flexíveis e fluídos; trabalho automatizado; e ausência de vínculos empregatícios, no qual as competências cognitivas, afetivas e sociais se sobressaem às técnicas (Vazquez; Hutz, 2021).

Somada a essas transformações, ressalta-se também a pandemia de covid-19, que trouxe implicações na forma de operacionalização do trabalho, principalmente do docente, que passou a realizar sua atividade por intermédio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) (Araujo *et al.*, 2024). Dessa forma, inseriu-se no ambiente acadêmico o Ensino Remoto Emergencial, mediado por essas tecnologias, que reverberou na Qualidade de Vida (QV) dos docentes (Brasil, 2020; Araujo *et al.*, 2024).

A QV é compreendida como: “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive, bem como em relação a suas expectativas, padrões e preocupações” (Fleck; Lima, 2008, p. 116), ou seja, é um constructo que considera a subjetividade do indivíduo. No que tange ao seu posicionamento na vida e às suas preocupações, é relevante entender como os docentes enfrentaram o processo de virtualização de suas atividades em um contexto de incertezas, medo e intensificação do trabalho.

Nesse sentido, o presente estudo envolve a seguinte problemática: qual a repercussão da pandemia de covid-19 na organização do trabalho dos docentes efetivos da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)? Tem-se como objetivo geral e específico investigar as condições de trabalho dos professores, considerando as características do trabalho docente na pandemia, e descrever os fatores que mais impactaram negativamente a qualidade de vida na pandemia.

2. MÉTODO

O método adotado foi quantitativo, exploratório, descritivo, bibliográfico e estudo de caso (Marconi; Lakatos, 2017). A pesquisa foi desenvolvida com os docentes dos 20 *campi* da

UEMA que faziam parte dos seguintes critérios de inclusão: professores efetivos com vínculo contratual permanente da UEMA, com no mínimo três anos de experiência na docência, que aceitaram participar da pesquisa e tinham pelo menos a titulação de especialista. Já os que lecionavam em instituições privadas, os que estavam afastados da sala de aula por motivos de saúde/doença, bem como aqueles que não ministraram aulas durante o período pandêmico ou não responderam a todas as questões do formulário, foram excluídos da pesquisa.

Do universo de 807 docentes efetivos do ensino superior da UEMA, submetidos aos regimes de trabalho de tempo parcial, integral e de dedicação exclusiva, e que se enquadravam aos critérios de inclusão e exclusão, obteve-se o retorno de 194 questionários. A coleta de dados deu-se mediante questionário demográfico e profissiográfico, bem como a inclusão de um domínio correspondente às condições de trabalho (iluminação, temperatura, limpeza e higiene, equipamentos, internet, ruídos), assim como abrangendo as inquietações do modelo de virtualização da atividade docente (estrutura física da casa para ministração de aula, treinamento para realização do trabalho remoto, operacionalização de ferramentas como o Meet e Skype), apresentadas por Ferigato, Teixeira e Fragelli (2020); Silva, Rangel e Souza (2020); Sallaberry *et al.* (2020); e Monteiro e Souza (2020).

Para além disso, inseriu-se uma pergunta sobre os fatores que mais impactaram a QV na pandemia. O questionário foi estruturado via Google Forms, sendo encaminhado por *e-mail*, grupos de WhatsApp e disponibilizado no sistema *SigUema*, no período de novembro a dezembro de 2021. A partir disso, no que tange ao tratamento dos dados, utilizou-se a análise estatística descritiva, por meio dos cálculos de média, desvio

padrão, soma e utilizando o *software* Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 20.

Adiciona-se, ainda, que este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o seguinte CAAE: 48922921.6.0000.5086.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de 194 docentes, 14 não quiseram participar da pesquisa, 15 foram excluídos do estudo por ensinarem em instituições privadas e 2 por não estarem exercendo a docência durante a pandemia, resultando no quantitativo de 163 docentes. A análise dos dados permitiu identificar que o trabalho docente foi profundamente reestruturado com o advento da pandemia de covid-19, pois passou a ser desempenhado da residência do professor, em que 69,3% (113) dos participantes da pesquisa precisou adaptar um local da casa para a realização do trabalho remoto emergencial, ficando evidente que mais da metade dos docentes não possuía estrutura domiciliar satisfatória para o exercício da docência remotamente.

Destaca-se ainda que a variável “nível de ruído no seu ambiente de trabalho” expressa soma baixa (578) e um desvio padrão alto (1,007), apontando que os docentes não consideram o ambiente físico de sua casa propício para o desempenho das aulas, pois as atividades domésticas, os vizinhos e os filhos contribuem para o aumento dos ruídos. Essa realidade é compatível com o trabalho apresentado por Sallaberry *et al.* (2020), que observaram a dificuldade de separação da rotina pessoal da profissional; bem como a presença de conflitos domésticos. Ressalta-se, ainda, que a variável “Temperatura do seu ambiente de trabalho” teve um desvio padrão alto

(1,058), indicando que a variância das respostas é distinta, ou seja, para uns, a temperatura é adequada e, para outros, não.

Outro fator que merece destaque diz respeito ao “suporte técnico oferecido”, que obteve a soma (453), apontando que a transição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial foi executada de forma abrupta, não havendo tempo hábil para os professores receberem o suporte adequado para execução de suas atividades de ensino, visto que os docentes encontravam-se imersos em jornadas de trabalho extenuantes, bem como tentando sobreviver no contexto pandêmico, o que corrobora com os achados de Melo *et al.* (2022).

Com base no exposto, evidencia-se que a residência do professor precisa passar por adequações no ambiente para o desempenho da docência, na medida em que a insatisfação com a temperatura e com o ruído corroboram com a desconcentração do professor durante o exercício de sua atividade, bem como ao fato da carência de equipamento e estrutura adequada comprometer tanto seu desempenho, assim como prejudicar a sua saúde.

Ainda no sentido de investigar o impacto da pandemia, os participantes da pesquisa foram questionados sobre os fatores que mais comprometeram a Qualidade de Vida, em que 48,5% (79) informaram que o acúmulo de trabalho foi o fator que mais comprometeu a QV dos professores; seguidos de ausência de tempo para o lazer e a família, com 27,6% (45); ausência de um espaço adequado dentro de casa para realização do trabalho remoto, com 11% (18); dificuldade para operacionalizar as ferramentas online, com 11% (18); e, por fim, a pressão exercida pela chefia, com 1,8% (3).

Esses resultados corroboram com os estudos de Cordeiro *et al.* (2020); e Sallaberry *et al.* (2020), ao mostrarem que a introdução de novas metodologias, o aumento da demanda

pela preparação das aulas (*online* e gravadas), a participação simultânea e disponibilidade 24x7 aumentaram a carga de trabalho, bem como a ausência de treinamento para manusear as ferramentas digitais contribuíram para o docente ter dificuldade em operacionalizar esses dispositivos eletrônicos.

Frente ao exposto, fica claro que, com a crise sanitária causada pela pandemia de covid-19, houve a necessidade de alterar a forma de gestão e a organização do trabalho, visando ao atendimento das novas necessidades do capital. Para o atendimento dessas exigências, acelerou-se a introdução da tecnologia dentro da casa desses trabalhadores, precarizando ainda mais as relações de trabalho; fragilizando ou rompendo os laços solidários; acelerando o ritmo de trabalho; deteriorando as condições físicas; aumentando as jornadas de trabalho; exigindo a administração de novas ferramentas tecnológicas e equipamentos sofisticados, com vistas à consolidação da escravização digital e do trabalho em domicílio ou teletrabalho, os quais já estavam sendo implantados antes mesmo da pandemia, conforme afirmam Harvey (2005); Antunes e Praun (2015); Antunes (2018).

O resultado desse descompasso entre excesso de exigências e o desrespeito ao biorritmo humano é o trabalho patológico, o qual impacta a saúde do docente. Dentre as principais patologias observadas na literatura, estão o desenvolvimento de problemas vocais, como irritação e rouquidão; hipertensão; cardiopatias; depressão; ansiedade; dependência de substâncias psicoativas; síndrome de *burnout*; normopatias; diabetes; distúrbios hormonais; enxaqueca; cistite; crise gástrica; estresse; e disfunções musculoesqueléticas, de acordo com Borsoi (2012); Ribeiro e Leda (2016). Ainda mais preocupante é quando esse trabalhador, inserido nesse ambiente precarizado, recorre ao

suicídio, resposta bruta endereçada ao grupo do qual faz parte e à sociedade em si (Antunes e Praun, 2015).

4. CONCLUSÃO

Inferiu-se que o trabalho remoto emergencial trouxe inúmeros desafios para o exercício da docência durante a pandemia, o que pode ter causado adoecimentos aos trabalhadores pesquisados, visto que, além de administrar as demandas de trabalho, esses docentes tiveram também que cuidar de si e de seus familiares para não serem acometidos pela covid-19. Destaca-se ainda que esse arranjo de trabalho ganhou notoriedade na pandemia e a literatura mostra que as organizações públicas são as mais beneficiadas, uma vez que a pandemia de covid-19 demonstrou possibilidades de transformação da educação superior brasileira, no sentido de sua crescente privatização, mercantilização e empresariamento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, 2015. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.030>.

BORSOI, I. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-100, 2012. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v15n1/v15n1a07.pdf>

BRASI. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de Março de 2020. Brasília. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm

CORDEIRO, M. V. C., COELHO, N. B., SARAIVA, P. M., RODRIGUES, T. DE A.; PINHEIRO, A. DE A. G. Os novos desafios dos professores de IES no pós pandemia: um estudo realizado com docentes das instituições de ensino superior de Juazeiro do Norte - Ceará. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, 14(52), 703- 717, 2020. <https://doi.org/10.14295/online.v14i52.2749>.

FERIGATO, S. H., TEIXEIRA, R. R. FRAGELLI, M. C. B. (2020). A universidade e a atividade docente: desafios em uma experiência pandêmica. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, e024738, p. 1-17. https://doi.org/10.35699/2237_5864.2020.24738.

FLECK, M. P. A.; LIMA, A. F. B. S. Qualidade de vida e alcoolismo. In M. P. A. FLECK *et al.* (orgs.), **A avaliação de qualidade de vida: Guia para profissionais da saúde** (p. 115–122). Artmed, 2008.

HARVEY, D. **Condições pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MELO, S. D. G.; SOUSA, J. DE F. A.; VALE, A. A. do. (2022). A Reorganização do Trabalho Docente na Educação Superior no Contexto da Pandemia de covid-19. **Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação** - Periódico científico Editado Pela ANPAE, 38(00), 2022. <https://doi.org/10.21573/vol38n002022.122790>.

MONTEIRO, B. M. M.; SOUZA, J. C. (2020) Saúde mental e condições de trabalho docente universitário na pandemia da covid-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. e468997660. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7660>.

RIBEIRO, C. V. S.; LEDA, D. B. O trabalho docente no enfrentamento do gerencialismo nas universidades federais brasileiras: Repercussões na subjetividade. **Educação em Revista** (UFMG), v. 32, p. 97-117, 2016. <https://doi.org/10.1590/0102-4698161707>.

SALLABERRY, J. D. *et al.* Desafios docentes em tempos de isolamento social: estudo com professores do curso de Ciências Contábeis. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, 2020. e024774, p. 1-22. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24774>.

SILVA, J. A. O., RANGEL, D. A.; SOUZA, I. A. de. Docência superior e ensino remoto: relatos de experiências numa instituição de ensino superior privada. **Revista Docência do Ensino Superior**, 10, 1-19, 2020. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24717>.

VAZQUEZ, A. C. S.; HUTZ, C. S. (orgs.). **Psicologia positiva organizacional e do trabalho na prática**. 2 ed.) SP: Hogrefe, 2021.

Resiliência e transformação digital: a reinvenção de uma empresa metalúrgica em tempos de crise

Mauro Enrique Carozzo Todaro

Kellen Kalli de Oliveira

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a resiliência organizacional e a transformação digital facilitaram o enfrentamento da crise da covid-19, com base na experiência da Memps, uma empresa maranhense do setor metalmeccânico. A importância deste estudo reside na necessidade de compreender como empresas em economias emergentes podem utilizar a transformação digital para fortalecer sua resiliência e garantir sustentabilidade em tempos de crise. O referencial teórico apoia-se no modelo de resiliência organizacional e na literatura sobre transformação digital como estratégia para adaptação e crescimento. Os principais resultados evidenciam que a adoção de estratégias comerciais inovadoras e ferramentas digitais foram essenciais para a reinvenção da Memps, diante dos desafios impostos pela pandemia. A empresa estruturou um setor comercial eficiente, adotou automação para prospecção de clientes e investiu em tecnologias digitais para comunicação e gestão. Como consequência, expandiu sua presença no mercado, conquistou espaços de influência no setor empresarial e recebeu reconhecimentos importantes, incluindo a premiação como Empresa Inovadora do Maranhão (2022) e a participação na Hannover Messe 2022. A experiência da Memps demonstra que a resiliência organizacional, aliada à transformação digital, pode não apenas garantir a sobrevivência empresarial, mas também impulsionar o crescimento em cenários de incerteza.

Palavras-chave: resiliência organizacional; transformação digital; pandemia de covid-19; setor comercial.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19 representou uma crise sem precedentes, afetando profundamente a economia global e exigindo

das organizações uma capacidade de resiliência para sobreviver e se recuperar (Rai *et al.*, 2021). Esse cenário de disrupção, caracterizado por *lockdowns*, restrições de mobilidade e instabilidade econômica, também acelerou a necessidade de transformação digital nas empresas, impulsionadas pela urgência de adaptação a um novo contexto (Vial, 2021). A resiliência organizacional envolve a capacidade das empresas se recuperarem da adversidade, surgindo mais fortalecidas e engenhosas (Vogus; Sutcliffe, 2007). Essa capacidade tornou-se crucial para garantir a sustentabilidade social e econômica em tempos de crise (Rai *et al.*, 2021).

A transformação digital, por sua vez, oferece oportunidades para as empresas reinventarem-se, utilizando tecnologias digitais para otimizar processos, melhorar a experiência do cliente e criar novos modelos de negócios (Vial, 2021). Assim, a combinação de resiliência organizacional e transformação digital emerge como uma estratégia essencial para as empresas enfrentarem os desafios impostos pela pandemia e construir um futuro mais sustentável e competitivo (Rai, 2021).

A transformação digital e o modelo de resiliência organizacional proposto por Tasic *et al.* (2019) dialogam de forma complementar e intrínseca, oferecendo uma abordagem abrangente para que as organizações lidem com as incertezas e crises. O modelo de resiliência de Tasic *et al.* (2019) propõe um *framework* multinível que analisa a resiliência em três níveis — individual, organizacional e ambiental. A nível organizacional, a transformação digital pode ser vista como um meio para uma empresa construir a resiliência, ao mesmo tempo que a resiliência organizacional é uma capacidade que permite à mesma navegar com sucesso por processos de transformação digital. Assim, a adoção de plataformas digitais pode melhorar

a comunicação e a coordenação, elementos essenciais para a resiliência (Amir; Kant, 2018).

A nível ambiental, o modelo de Tasic *et al.* (2019) enfatiza a importância das relações com *stakeholders* para a resiliência organizacional. Nesse sentido, a transformação digital pode impactar a forma como as organizações relacionam-se com seus *stakeholders*, como é o caso dos clientes, permitindo uma comunicação mais eficiente, transparente e personalizada. Por sua vez, a transformação digital também requer que as organizações aprendam continuamente a lidar com novas tecnologias e a ajustar seus processos de negócio. A capacidade de aprender e se adaptar é fundamental tanto para a transformação digital quanto para a construção da resiliência (Evenseth *et al.*, 2022; Vial, 2021).

Nesse contexto, esse relato de experiência justifica-se pela necessidade de compreender como as organizações em economias emergentes podem utilizar a transformação digital para construir resiliência em tempos de crise. A pandemia acelerou a adoção de tecnologias digitais, forçando empresas a digitalizar o trabalho e incorporar novas ferramentas de informação e comunicação (Vial, 2021). Esse caso prático é relevante para ilustrar como a resiliência organizacional pode ser fortalecida por meio da antecipação de crises, da robustez operacional e da capacidade de recuperação, permitindo que a empresa mantenha sua sustentabilidade e cresça em um ambiente turbulento.

Além disso, a análise detalhada desse processo de mudança pode fornecer *insights* valiosos sobre as estratégias de adaptação, os desafios enfrentados e os benefícios alcançados ao combinar transformação digital e resiliência organizacional, contribuindo para o desenvolvimento de modelos teóricos e práticos mais robustos (Rai *et al.*, 2021).

Partindo desse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar de que modo a resiliência organizacional e a transformação digital facilitaram o enfrentamento da crise de covid-19, com base na experiência da Memp's, uma empresa maranhense do setor metalmeccânico.

2. DESENVOLVIMENTO

No Brasil, a Operação Lava Jato (2014-2021) impactou profundamente o mercado da construção civil. A partir de 2016, as grandes construtoras, investigadas por corrupção, paralisaram obras e encerraram contratos, levando à decadência do setor (Ferreira, 2016). O mercado maranhense não ficou imune, as obras locais tornaram-se escassas ou inexistentes, causando falências em empresas de médio e pequeno porte. Nesse contexto, a Memp's sobreviveu ao colapso por investir em tecnologia e novos mercados. No entanto, sua receita caiu para 15% no antigo faturamento, e o quadro de funcionários foi reduzido de quase 200 para 39 pessoas.

A empresa, diante da finalização de suas últimas obras e sem novas perspectivas, decidiu, em dezembro de 2019, dar sequência à sucessão familiar para buscar alternativas de sobrevivência. Nesse sentido, em janeiro de 2020, a nova gestão iniciou um planejamento estratégico, interrompido em fevereiro pela pandemia de covid-19, considerada uma das piores crises da história, com impactos severos na economia global (Rai *et al.*, 2021). Diante das dificuldades, restaram apenas duas opções: encerrar as atividades ou reinventar-se. A empresa escolheu a reinvenção, transformando sua gestão em um Comitê de Crise, focado na redução de custos e na busca por novas receitas.

Contratação de uma consultora externa e criação de uma equipe de vendas

Buscando alternativas viáveis para a situação vigente, a diretoria da empresa optou por contratar uma jovem consultora que tinha muitos conhecimentos, embora nenhuma atuação na indústria ou na construção. Após algumas reuniões, iniciou-se uma atuação conjunta na busca da implantação de um setor comercial, criação de processos, descoberta de ferramentas e desenho de um planejamento comercial. A contratação de especialista externo está muito ligada ao conceito de resiliência organizacional, no que tange às capacidades dinâmicas. Segundo Vasconcelos *et al.* (2015), as capacidades dinâmicas permitem que a empresa reconfigure suas competências essenciais, incorporando recursos externos e ativos estratégicos para enfrentar desafios de mercado e concorrência.

A primeira estratégia adotada foi transpor os conceitos de *Inside Sales*, estruturando seu time comercial. Assim, montou-se uma estratégia de captação e formou-se uma equipe, uma SDR (*Sales Development Representative*), responsável pela prospecção ativa focada exclusivamente na prospecção ativa de novos clientes, utilizando um processo estruturado de cadência de vendas, validação de ICP (*Ideal Customer Profile*) e qualificação de *leads* antes de repassá-los para o time de fechamento, assim como uma *Closer*, responsável pelo fechamento das vendas e pela condução das negociações com *leads* qualificados.

A partir daí, a diretoria, a consultora e a equipe estruturaram todo o processo de prospecção, o desenho do funil de vendas, o estabelecimento de metas e indicadores, e, nos meses seguintes, implantou-se, ainda, bonificações comerciais e reuniões de alinhamento em diferentes formatos, como *One-to-One* (entre gestor e colaborador individualmente), reuniões semanais de performance e mensais de revisão estratégica. As

reuniões tornaram-se muito úteis para acompanhar o funil de vendas e para ajustar a estratégia em tempo real, garantindo que a equipe mantivesse um alinhamento contínuo com os objetivos da organização.

Essa primeira estratégia adotada contribuiu para a robustez organizacional, um dos aspectos da resiliência segundo Rai *et al.* (2021). A estruturação do time comercial com funções dedicadas (SDR e *Closer*) e um processo de vendas bem definido pode ter aumentado a capacidade da organização de manter suas operações e cumprir os requisitos dos clientes, mesmo em fase de turbulências.

As reuniões de alinhamento em diferentes formatos podem ter facilitado a coordenação e o compartilhamento de informações dentro da equipe, elementos importantes para a resiliência, conforme Tasic *et al.* (2019) e Rai *et al.* (2021). Nessa mesma linha, o estabelecimento de metas e indicadores e a implementação de bonificações podem melhorar a performance e incentivar a adaptação da equipe às necessidades do mercado (Rai *et al.*, 2021). A revisão estratégica mensal permite um ajuste contínuo, contribuindo para a capacidade de ajuste da organização (Vasconcelos *et al.*, 2017).

Adoção de tecnologias digitais de informação e comunicação

A demanda por prospectar o maior contingente possível de pessoas e os escassos recursos que a empresa dispunha, tanto a níveis financeiros como pessoas para a tarefa, levou a empresa a utilizar as estratégias de prospecção digital já tão conhecidas em outros setores, como o uso do LinkedIn. Essa abordagem seguiu a lógica de que, mesmo em negócios B2B (*Business to Business*), as relações comerciais continuam sendo essencialmente humanas (H2H – *Human to Human*).

A adoção de automação de prospecção via LinkedIn, adotada no segundo semestre de 2020, permitiu que a equipe conseguisse um grande volume de *prospects* e aperfeiçoasse os conhecimentos sobre o mercado. A automação permitiu escalar esse processo. Com o passar dos meses, a acumulação de conhecimento viabilizou uma maior assertividade na qualificação de *leads*, atingindo, em 2021, maior maturidade comercial.

O fortalecimento da marca foi viabilizado mediante um reposicionamento no site e no Instagram, focando em ligar-se ao público-alvo em todo o país. A empresa ainda investiu em ferramentas de videochamadas, como o Zoom, pouco utilizado na época, e a implementação de um CRM *Pipedrive* e *Sales Navigator*, que permitia ainda mais automatizações nas conexões via *e-mail* e *Newsletter*. As várias ferramentas utilizadas nos processos de prospecção, fechamento e pós-venda, até então desconhecidas pela equipe, foram fonte de treinamento e aperfeiçoamento tanto dos colaboradores quanto da diretoria.

Essa fase ilustra a adoção de tecnologias digitais para a prospecção, como o LinkedIn e ferramentas de automação, alinhando-se à discussão de Vial (2021). A mudança da abordagem no LinkedIn, inicialmente institucional, para um foco em perfis pessoais (H2H), representa uma adaptação estratégica aos canais digitais com impacto positivo no relacionamento com os clientes (Tasic *et al.*, 2019).

O uso de videochamadas (Zoom) e de um CRM (*Pipedrive*) com *Sales Navigator* visa transformar os processos de criação e captura de valor, sinalizando como a adoção de plataformas digitais pode melhorar a comunicação e a coordenação, elementos essenciais para a resiliência (Amir; Kant, 2018).

Por sua vez, a necessidade de treinamento reflete a mudança organizacional impulsionada pela transformação digital.

Nesse sentido, Vasconcelos *et al.* (2017, p. 385) destacam que, ao enfrentarem rupturas e desafios, as organizações resilientes podem ampliar seus horizontes e utilizar essas experiências como aprendizado para fortalecer competências.

A grande imersão no universo virtual e a oportunidade de bater e entrar em quase qualquer “porta”, contraditoriamente proporcionada pela pandemia, facilitou a inserção da empresa nos mercados mais interessantes e lucrativos do seu portfólio de atuação. Essa adaptação rápida possibilitou a diferenciação da empresa em uma realidade de crise. A agilidade permitiu, para além do acesso a novos clientes, que a empresa acabasse por atuar como educadora do mercado, auxiliando clientes e parceiros a utilizarem as novas tecnologias.

3. CONCLUSÃO

A experiência da Mems ilustra como é possível, mesmo diante de circunstâncias tão improváveis quanto a pandemia de covid-19 e o isolamento imposto à sociedade, abrir novas portas e ampliar conexões. Enquanto muitas empresas retraíram-se, a Mems transformou desafios em vantagens competitivas, reforçando a ideia de que um comportamento resiliente pode ser a chave para a sobrevivência e, até mesmo, para o crescimento em tempos de incerteza. Dessa forma, sua trajetória demonstra que a resiliência organizacional não se resume apenas à capacidade de resistir às adversidades, mas também à habilidade de transformar momentos de crise em impulsionadores da inovação e do crescimento.

Os resultados de transformar desafios em oportunidades trouxeram impactos significativos para diversas áreas da organização. Antes conhecida apenas por um grupo seleto de grandes empresas e seus gestores, a Mems passou a receber

convites para integrar organizações como o PDF, da FIEMA. Além disso, ampliou sua presença em espaços de influência no setor empresarial, sendo convidada a fazer parte da Associação Comercial do Maranhão (ACM-MA). Esse reconhecimento levou à sua avaliação e premiação entre as três melhores empresas de médio porte pela ACM-MA, nos anos de 2022, 2023 e 2024.

Essa crescente reputação culminou na premiação como Empresa Inovadora do Maranhão em 2022, promovida pelo Governo do Estado, e na seleção para representar a indústria maranhense na Hannover Messe 2022, uma das maiores feiras industriais do mundo, entre outros desdobramentos igualmente positivos.

REFERÊNCIAS

AMIR, S. (ed.). **The Sociotechnical Constitution of Resilience: A New Perspective on Governing Risk and Disaster**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

EVENSETH, Lise L.; SYDNES, Maria; GAUSDAL, Anne H. Building organizational resilience through organizational learning: A systematic review. **Frontiers in Communication**, v. 7, p. 837386, 2022.

FERREIRA, R. K. T. **Análise dos Impactos da Operação Lava Jato no Setor da Construção Civil**. 2016. 83 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Campo Mourão, 2016.

RAI, Siddharth Shankar; RAI, Shivam; SINGH, Nitin Kumar. Organizational resilience and social-economic sustainability: covid-19 perspective. **Environment, Development and Sustainability**, v. 23, p. 12006-12023, 2021.

SAJKO, Miha; BOONE, Christophe; BUYL, Tine. CEO greed, corporate social responsibility, and organizational resilience to systemic shocks. **Journal of Management**, v. 47, n. 4, p. 957-992, 2021.

VOGUS, Timothy J.; SUTCLIFFE, Kathleen M. Organizational resilience: Towards a theory and research agenda. *In: 2007 IEEE international conference on systems, man and cybernetics*. IEEE, 2007. p. 3418-3422.

TASIC, J.; AMIR, S.; TAN, J.; KHADER, M. A multilevel framework to enhance organizational resilience. *Journal of Risk Research*, v. 23, n. 6, p. 713–738, 2019. <https://doi.org/10.1080/13669877.2019.1617340>

VASCONCELOS, I. F. F. G.; CYRINO, A. B.; CARVALHO, L. A.; D'OLIVEIRA, L. M. Organizações pós-burocráticas e resiliência organizacional: a institucionalização de formas de comunicação mais substantivas nas relações de trabalho. *Caderno EBAPE.BR*, v. 15, Edição Especial, p. 377-389, 2017.

VIAL, Gregory. Understanding digital transformation: A review and a research agenda. *Managing digital transformation*, p. 13-66, 2021.

“Somos o lado da corda que arrebenta mais fácil”: repercussões da pandemia no trabalho de músicos ludovicenses

*Brenda Barros Machado
Carla Vaz dos Santos Ribeiro*

RESUMO

A chegada da pandemia de covid-19, no ano de 2020, gerou impactos em todas as camadas de trabalho, potencializando ainda mais os problemas dos vínculos informais, que já se configuram como trabalhos mais precarizados. Visto que as medidas de isolamento social paralisaram as atividades da categoria artística, este estudo teve como objetivo geral analisar as repercussões subjetivas no trabalho de músicos na cidade de São Luís-MA frente ao contexto da pandemia. Ressalta-se que os pressupostos teórico-metodológicos da Psicodinâmica do Trabalho (PdT) embasaram as categorias analíticas desta pesquisa, sendo os objetivos específicos: identificar as vivências de prazer-sofrimento no trabalho com música; conhecer os sentidos atribuídos a este trabalho; e analisar as estratégias de mediação utilizadas por esses trabalhadores desde o início do período de pandemia. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, com a realização de sete entrevistas semiestruturadas. Os relatos dos músicos entrevistados ressaltaram que as repercussões da pandemia fizeram com que os fatores geradores de sofrimento já existentes, como a desvalorização social, a baixa remuneração e a instabilidade nas apresentações, apenas se agudizassem nesse período. As estratégias de mediação utilizadas visaram racionalizar as circunstâncias vividas e buscar meios compensatórios para amenizar as angústias. Foi percebido que, mesmo na ausência das atividades, houve um fortalecimento no sentido do trabalho, em função da reaproximação do artista com sua matéria-prima (a música), que agiu como fonte de prazer e válvula de escape do sofrimento. Cabe destacar que este capítulo foi desenvolvido a partir de uma dissertação de mestrado de uma das autoras.

Palavras-chave: pandemia de covid-19; trabalho dos músicos; psicodinâmica do trabalho.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19, que chegou ao Brasil em meados de março de 2020, foi uma catástrofe que atingiu todas as instâncias da vida humana, sem exceções, afetando o cotidiano das relações sociais, sobretudo as engrenagens do mundo do trabalho. Por estar em desvantagem adaptativa na cadeia econômico-social, o músico, enquanto um trabalhador autônomo, passou a vivenciar a máxima: “a corda arrebenta do lado mais fraco”. Toda a fragilidade — também entendida aqui como precariedade — já existente nessa forma de trabalho, apenas acentuou-se e deixou suas consequências ainda mais expostas. O que era uma condição latente no trabalho artístico informal tornou-se, então, insustentável do ponto de vista financeiro.

Com o intuito de conter o crescimento das taxas de indivíduos contaminados, foram tomadas medidas que promoveram o distanciamento social e o isolamento da população, suspendendo quaisquer atividades econômicas “não essenciais”. Entendeu-se que a necessidade de refrear os números de contaminação e mortes em virtude da covid-19 era real, e, portanto, os protocolos criados para evitar festas com aglomerações foram importantes. No entanto, observou-se que a classe artística foi a primeira a ter suas atividades suspensas e a última a retornar, totalizando cerca de dez meses sem trabalho e sem remuneração.

Sabe-se que a disponibilização dos auxílios emergenciais por meio da Lei Aldir Blanc, com editais lançados pelo governo do estado e pela prefeitura de São Luís, foi uma forma de conter os danos para a classe artística. Contudo, nem todos os músicos foram contemplados pelos recursos financeiros, além destes terem sido pontuais, não sendo suficiente para sanar as necessidades básicas desses trabalhadores por tanto

tempo. Além disso, entende-se que tal remuneração, bem-vinda como um socorro ao artista, não se compara ao retorno tanto financeiro quanto simbólico da ação de trabalhar.

Diante desse cenário, buscou-se conhecer, de forma mais aprofundada, as vivências subjetivas do músico-trabalhador nesse período ímpar de desafios, procurando analisar os sentidos e significados trabalho, o binômio prazer-sofrimento e o reconhecimento simbólico de assumir o lugar de artista ludovicense, além de investigar as estratégias de mediação (enfrentamento) utilizadas nesse momento. Tais categorias analíticas remetem-se ao referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho (PdT), abordagem que favorece um olhar amplo acerca dos fenômenos laborais e da relação dialética sujeito-trabalho.

Cabe destacar que o presente capítulo foi desenvolvido a partir de uma dissertação de mestrado intitulada: “Somos o lado da corda que arrebenta mais fácil”: repercussões da pandemia no trabalho de músicos ludovicenses” (Machado, 2022).

2. MÉTODO

No que tange à metodologia deste estudo, entre os anos de 2020 e 2021 foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, com a elaboração de um roteiro de entrevista semiestruturado baseado nas categorias da PdT relacionadas anteriormente. A amostra foi de sete músicos residentes em São Luís e acima de 18 anos de idade, possuindo entre 9 e 21 anos de trabalho remunerado. Os nomes escolhidos para os participantes da pesquisa são fictícios e inspirados nos gêneros musicais referentes a cada um deles. Acerca dos dados sociodemográficos, pode-se destacar que foram três pessoas do sexo feminino e quatro do masculino; somente três sujeitos possuem filhos; todos deram início a uma graduação do ensino superior, dos

quais quatro concluíram e exercem suas áreas de atuação; cinco dos entrevistados possuem outro vínculo empregatício, sendo empregos formais (celetistas).

A importância da coleta de tais informações ressalta um dos pontos focais da pesquisa: o retorno financeiro do músico-trabalhador. Sobreviver de arte é um sonho de muitos e uma conquista de poucos. A profissão do artista carrega uma história marcada pela instabilidade nos vínculos, intermitência nas atividades e insegurança salarial. Em contrapartida, há uma generalização social em conceber esse trabalho como fonte de *glamour* (Lage; Barros, 2017) e prazer, em virtude da idealização do que é trabalhar com algo que requer amor pela arte. No real do trabalho, por detrás dos palcos, existe um trabalho invisível que não é (re)conhecido ou valorizado, como as longas horas de estudo, as lesões por esforço repetitivo, o investimento em instrumentos e equipamentos, que, em geral, são bastante onerosos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de abordar a presente pesquisa de forma dialógica, os resultados serão apresentados juntamente à discussão teórica. O roteiro elaborado levantou questões relacionadas aos períodos pré-pandemia, durante a pandemia, bem como perspectivas de futuro. Além disso, também buscou-se entender o que esses sujeitos compreendiam como sendo “arte” e quais os sentidos desse trabalho para cada um, a fim de investigar se são tais sentidos que dão o tom à permanência nesse vínculo de trabalho.

Para iniciar a explanação do contexto laboral dos músicos entrevistados, buscou-se conhecer alguns dados importantes acerca do cenário musical de São Luís pré-pandemia, no que

concerne às oportunidades, frequência de shows e pagamento de cachês.

Eu acho que como nós somos um povo que consome muito [música], eu acho que têm sempre oportunidades. Cachê já é algo que a gente pode aí discutir (risos) (Disco, 2021).

Péssimo, agora e sempre, sempre foi péssimo. [...] Na música funciona muito assim, não importa quão bom tu seja, tu pode nunca ter sucesso na tua área (Pop, 2021).

Um ponto em comum entre todos os entrevistados relacionado ao contexto de trabalho em São Luís refere-se ao cachê recebido ser considerado pouco, sobretudo em comparação ao lucro obtido pelos estabelecimentos. Com a reabertura gradual dos ambientes de música na cidade, houve um aumento considerável na quantidade de eventos promovidos, contudo, não necessariamente os cachês melhoraram.

*Tá bem complicado, não só para gente, mas também pros donos de estabelecimentos. Então tanto a gente quanto os contratantes estão numa situação, eles estão voltando, não pode aglomeração, aí a coisa baixa, então eles não podem pagar o que é justo para os músicos e **aí a gente vai porque a gente precisa, né?** (Reggae, 2021, grifo nosso).*

Se antes da pandemia o discurso “a gente tem que se submeter” já era corriqueiro para os músicos, com o aumento da necessidade de ganhar dinheiro, aceitar qualquer valor já estava sendo mais oportuno do que não trabalhar.

Segundo Mendes e Duarte (2013), o trabalhador não deseja apenas realizar uma tarefa; quer dar vida ao trabalho, deixar sua marca. Ao engajar sua subjetividade para isso, o sujeito constitui a sua identidade. Além da relação com o outro, há também um prazer referente ao trabalho de produção cujo gozo só é perceptível para si (Dejours, 2012). Pode-se afirmar que isto é muito presente no mundo do trabalho artístico, como foi visto na fala do participante Rock:

Prazer... eu gosto de ver as pessoas felizes. Se a pessoa tá curtindo o show, tá feliz, pode ser só uma pessoinha lá no fim empolgada, eu já ganhei minha noite. Eu já consegui tocar ela de alguma forma com a minha arte (Rock, 2021).

Logo, o descolamento forçado de um trabalho tão carregado de sentidos, além da quebra de uma rotina bastante preenchida para outra totalmente vazia, gerou sentimentos de frustração, uma vez que, para o músico, que considera sua atuação “mais que um trabalho”, tal ruptura foi uma forma de anulação de si.

*Porque antes eu passava o dia fora de casa, saía sete da manhã, voltava onze da noite. [...] Eu tava num momento [2020] que eu não aguentava mais não tocar. E aí surgiu uma oportunidade de fazer uma apresentação [...]. E quando eu tava tocando com eles depois de muito tempo sem tocar junto, aquilo me deu uma paz tão grande, sabe? Tipo, “Ah, eu respirei, **voltei à vida, toquei**” (Reggae, 2021, grifo nosso).*

Percebe-se como prazer e sofrimento, para a PdT, são esferas da vida laboral que não se anulam, mas coexistem. Apesar das instabilidades e precariedades do trabalho artístico, percebe-se que até mesmo a retirada de condições adversas na vida do trabalhador traz sofrimento. É nesse movimento pendular que ocorrem os inevitáveis dissabores e contradições oriundos da organização do trabalho. E é também graças a essa dinâmica que é proporcionada ao sujeito a possibilidade de reajustes e autorrealizações no registro da identidade (Dejours, 2012), também na identificação com aquilo que é produzido.

Para a PdT, existe uma relação intrínseca entre o prazer, o reconhecimento e os sentidos do trabalhar. Todas essas faces estão interligadas e são indissociáveis, sendo uma impactada pela outra. Bendassolli (2009) levantou possíveis motivações do músico para escolher e perdurar na carreira artística: a arte em si, o reconhecimento e o contraponto ao trabalho

alienado, o que possibilita ao sujeito a realização de um trabalho vivo. Foi possível confirmar tais elementos nos sentidos atribuídos pelos entrevistados.

De modo descontraído, Pop (2021) apontou que o sujeito que escolhe ser músico foge à razão: “Então eu sempre falo que músico é um bicho doido, não é normal, porque se a pessoa fosse usar a racionalidade não faria isso (risos)”. É provável que a relação artista-arte, mantida por um forte laço afetivo, favoreça esse “desligamento” da razão. Trata-se de um envolvimento subjetivo que, como já sinalizado aqui em outros momentos, não se perpetua por um valor de troca. Já Forró compreende que a relação sujeito-trabalho é endossada pela relação sujeito-arte:

Trabalho com música para mim é a minha vida, eu sintetizo muita coisa, porque para além da relação de receber por fazer um trabalho, tem também uma questão muito orgânica que assim, eu não consigo viver sem isso, entende? É uma coisa bem orgânica mesmo, eu acho que eu vou morrer fazendo isso. [...] É um trabalho que eu não vou me aposentar dele nunca mais (risos) (FORRÓ, 2021)

Por possuírem um vínculo afetivo com o próprio fruto de sua atividade (a música em todas as suas dimensões), os músicos vivenciam uma retroalimentação no processo de conexão com o trabalho em si. Em contrapartida, Moraes (2013) aponta que as vivências de sofrimento no trabalho podem ser sinalizadas pela presença de sentimentos de medo, insegurança e impotência diante das incertezas. Alguns participantes relataram o surgimento ou agravamento de questões de saúde mental decorrentes das repercussões da pandemia.

Psicologicamente, minha cabeça estava péssima. Eu não podia fazer planos futuros, porque eu não sabia o que ia acontecer. E aí aquilo ali bateu. Me senti tão culpada por não poder ajudar em casa [financeiramente], não tava sentindo a paz de tocar, aí ficava em casa o dia

inteiro só pensando besteira, não conseguia fazer nada, aí foi um fundo do poço para mim aquele momento (Reggae, 2021, grifo nosso).

Percebeu-se que os sofrimentos já enfrentados pelos músicos em seus contextos de trabalho antes da pandemia, como a instabilidade das apresentações e a baixa remuneração, apenas se agravaram. No entanto, foram também relatados discursos de resignação e aprendizado com o momento vivido, além da busca por brechas, formas de reinventar-se.

Segundo Mendes (2007), para enfrentar o sofrimento o sujeito pode lançar mão de estratégias que busquem o controle da situação por meio da racionalização do vivido. Diante de um cenário de incertezas trazido pela pandemia, a tentativa de controlar qualquer aspecto da sua vida privada já ameniza a angústia de estar sujeito às circunstâncias.

Além de comedir gastos, alguns músicos precisaram buscar formas alternativas para ganhar dinheiro. A realização de aulas de instrumentos musicais, a utilização das redes sociais para divulgação dos trabalhos e as *lives* também foram elencadas como válvulas de escape. Tais estratégias de enfrentamento foram percebidas muito mais individualmente do que pela via do coletivo, o que foi um ponto destacado pelos entrevistados como uma fraqueza da classe musical ludovicense.

Para a PdT, os coletivos de trabalho podem facilitar os ganhos trabalhistas e, portanto, favorecer as condições laborais e a saúde mental dos indivíduos. Tal pauta ganhou ainda mais destaque na pandemia, visto que a união da classe poderia ter feito a diferença, por exemplo, no repasse de verbas dos editais, cujas normas dificultaram o acesso a muitos músicos.

Eu não sei se eu entendo os editais como uma esperança ou como migalhas. Esse dinheiro vai ser bem-vindo, obviamente. Mas para além disso nós estamos precisando de trabalho. Esse negócio da utilidade, eu estou me sentindo inútil nesse momento (Disco, 2021, grifo nosso).

Compreende-se, aqui, essa insuficiência, tanto em termos financeiros quanto no sentido de uma abstinência laboral. Não basta ressarcir uma classe trabalhadora e privá-la de exercer sua atividade. Para além do desalento financeiro, da impossibilidade de pagar suas contas e manter a qualidade de vida, há também nesse discurso a necessidade do trabalho vivo, ser útil, ou seja, em voltar à vida, ao coração que pulsa do trabalho (Périlleux, 2015), condição *sine qua non* ao artista.

4. CONCLUSÃO

Não é exagero afirmar que o mundo do trabalho sofreu mudanças estruturais depois da vasta disseminação de covid-19. As classes trabalhadoras autônomas foram afetadas de forma ainda mais incisiva, uma vez que a precariedade desse tipo de vínculo laboral o tornou mais vulnerável às dificuldades socioeconômicas e psicológicas. A partir da PdT, buscou-se investigar as repercussões da pandemia vivenciadas pelos músicos de São Luís-MA, com base nas categorias analíticas desse referencial teórico.

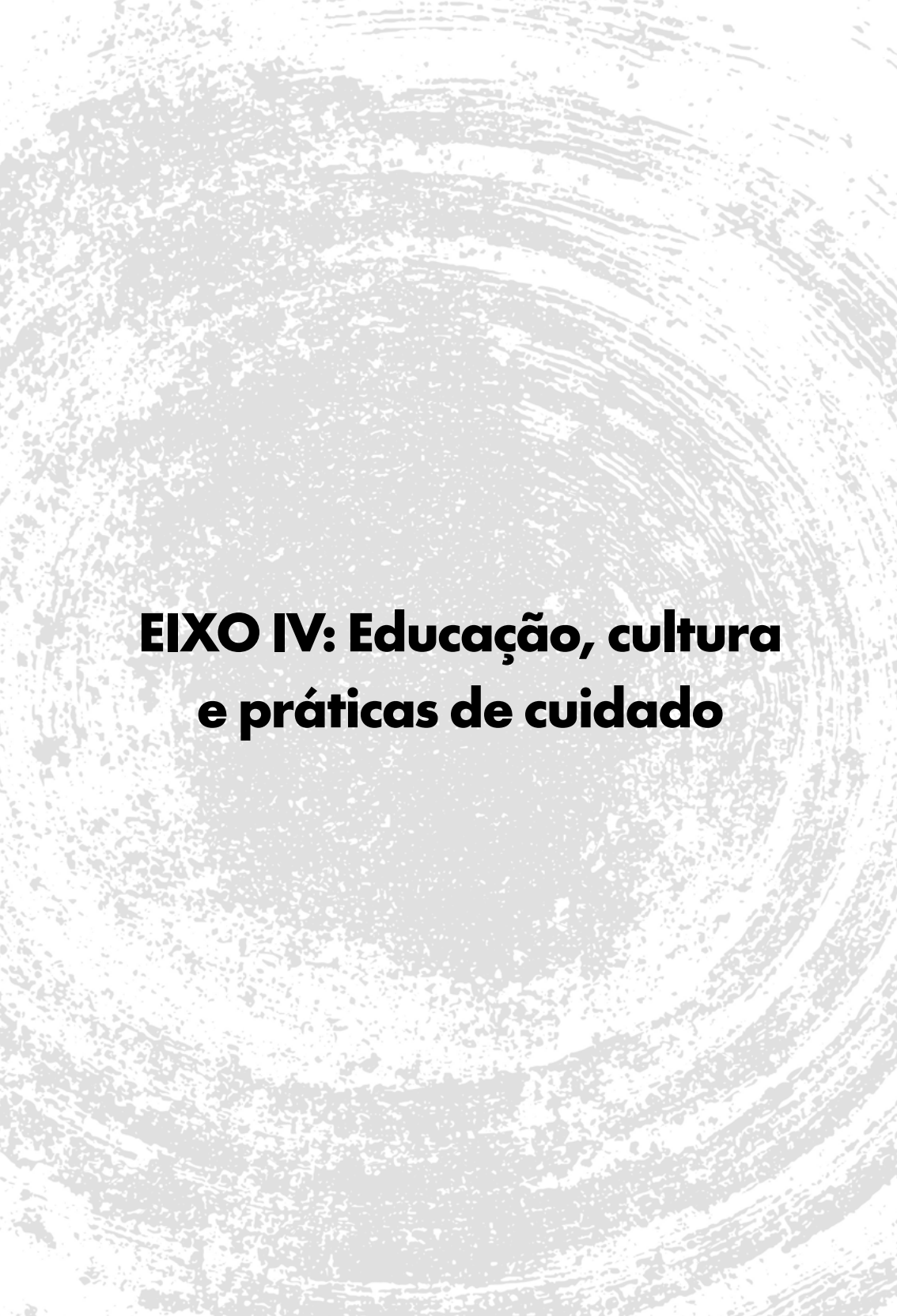
As fragilidades já cotidianas da vida dos músicos foram agravadas com a ausência de trabalho, em virtude da suspensão total de eventos artísticos. Observou-se que o lugar do não trabalho, o que nos termos da pandemia foi algo imposto a esses sujeitos, gerou uma série de repercussões financeiras e psicológicas, o que pôde ser explicitamente verificado nas falas dos participantes. Para além das dificuldades materiais, houve a vivência de perdas imateriais — o ato de trabalhar, condição de dignidade para a vida humana.

Para lidar com esse momento de turbulência laboral, foram criadas estratégias de defesa, mas também de enfrentamento, bem como uma ressignificação positiva dos sentidos do

trabalho com música. Com base nos relatos, foi perceptível o encantamento e a realização pessoal dos entrevistados com as atividades desenvolvidas, com o prazer de fazer e viver a música. Portanto,, concluiu-se que, no período de pandemia, ao ser retirada a aceleração laboral, ocorreu, portanto, uma desaceleração emocional, gerando a possibilidade de resgatar a relação sujeito-arte-trabalho, fortalecendo os meios para resistir diante das limitações.

REFERÊNCIAS

- BENDASSOLLI, P. F. **Significado do trabalho e carreira artística**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 3, p. 363-371. 2012.
- LAGE, C. S. da R.; BARROS, V. A. de. A gente só vê glamour: um estudo de Psicologia do trabalho com músicos profissionais. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 89-96, jun. 2017.
- MACHADO, B. B. **“Somos o lado da corda que arrebenta mais fácil”:** repercussões da pandemia no trabalho de músicos ludovicenses. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Maranhão. Maranhão. p. 130. 2022.
- MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- MENDES, A. M.; DUARTE, F. S. Mobilização subjetiva. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. (orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 259-262.
- MORAES, R. D. Estratégias defensivas. In: VIEIRA, F. de O.; MENDES, A. M.; MERLO, Á. R. C. (orgs.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 153-157.
- PÉRILLEUX, T. Trabalho e afeto: perspectiva sociológica e psicanalítica. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. (orgs.). **Trabalho e Prazer: teoria, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 91-99.



**EIXO IV: Educação, cultura
e práticas de cuidado**

Possíveis protocolos para o ensino de repertórios verbais e não verbais de vida funcional

Juliana Ribeiro Rabelo Costa

Daniel Carvalho de Matos

RESUMO

É comum crianças e jovens com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentarem dificuldade no desenvolvimento da linguagem e comunicação, assim como em habilidades de vida funcional e outras cadeias comportamentais. Na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), procedimentos com uso de roteiros auxiliam no estabelecimento desses repertórios nessa população, uma vez que eles incorporam a manipulação de pistas visuais, textuais ou auditivas e seu posterior esvanecimento, favorecendo a demonstração de desempenhos mais independentes. Em um estudo recente (Costa; Matos, 2025), três crianças com TEA entre 4 e 6 anos de idade foram submetidas a um experimento com uso de roteiros textuais ou ditados e posterior esvanecimento. Foi realizado o ensino de emissão de sentenças com função de tato como forma de descrever várias ações relacionadas a sequências comportamentais de autocuidados preventivos à covid-19 (colocar máscara e manter seu uso; lavar as mãos) e outras cadeias comportamentais (habilidade de vida diária; brincar funcional). Todas as crianças aprenderam a descrever por meio de sentenças as cenas que retratavam as ações de cada sequência e, além disso, repertórios não verbais relacionados emergiram sem necessidade de ensino direto. A partir disso, o objetivo deste relato de experiência foi apresentar uma proposta de protocolo, adaptado de Costa e Matos, para ensino de repertórios de descrever cenas de sequências comportamentais e emissão de repertórios não verbais relacionados. Conclui-se que a proposta, fundamentada em evidências, pode influenciar o desenvolvimento de crianças com pré-requisitos para serem aprendizes do protocolo.

Palavras-chave: esvanecimento de roteiros; análise do comportamento aplicada; transtorno do espectro autista.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente envolve déficits em linguagem e comunicação, além da presença de padrões de comportamentos estereotipados (*American Psychiatric Association* [APA], 2013). Muitos jovens com esse diagnóstico demandam intervenções especializadas, visando ao desenvolvimento de repertórios não verbais e verbais socialmente importantes e, nessa direção, princípios e procedimentos baseados em evidências científicas da Análise do Comportamento Aplicada (*Applied Behavior Analysis – ABA*) podem contribuir (Baer *et al.*, 1968; Cooper *et al.*, 2007; Matos, 2016; Sella; Ribeiro, 2018). Convém destacar, também, a relevância de procedimentos com uso de roteiros, e seu posterior esvanecimento, sobre o estabelecimento de comunicação com uso de sentenças e realização de sequências comportamentais correspondentes a habilidades de vida funcional (Matos *et al.*, 2022; Phillips; Vollmer, 2012; Pierce; Schreibman, 1994).

Habilidades de vida funcional são ensinadas como sequências de comportamentos envolvidas em processos como, por exemplo, tomar banho, escovar os dentes, vestir-se e organizar a mesa para realização de uma refeição. Jovens com TEA, que apresentam dificuldade na realização das ações de forma independente, podem beneficiar-se de roteiros visuais e outras dicas para o posterior desenvolvimento de autonomia. Roteiros visuais podem consistir em imagens/fotos ou frases retratando ações funcionais a serem emitidas durante a realização de uma sequência comportamental.

Já foi demonstrado que o uso de roteiros (com auxílio de dicas gestuais e verbais e esvanecimento gradual de seu uso por um mediador) pode favorecer a aquisição desses repertórios e de outros, considerando diferentes tarefas e ambientes

(generalização), além de haver demonstração de manutenção após a fase destinada à aquisição e à generalização dos repertórios (Phillips; Vollmer, 2012; Phillips *et al.*, 2019; Pierce; Schreibman, 1994).

Mais recentemente, Costa e Matos (2025) investigaram os efeitos do uso de roteiros textuais ou ditados sobre o estabelecimento de repertório verbal de descrever, por meio de sentenças, figuras representando ações de quatro diferentes sequências comportamentais (higienizar as mãos com álcool em gel, colocar máscara cirúrgica e manter seu uso no rosto, brincar funcionalmente, escovar os dentes). A partir dos roteiros, três crianças com TEA aprenderam a descrever cada uma de várias figuras retratando as ações das sequências comportamentais mencionadas (ex.: dizer “aplique álcool em gel na sua mão” diante de figura com imagem retratando essa ação).

Durante o treino para uma criança, os roteiros consistiram em frases funcionais, como as impressas do exemplo, para que, em princípio, a criança realizasse a leitura dessas frases. No caso das duas outras crianças, as frases eram ditadas para que pudessem, em princípio, repetir/ecoar. Na medida em que evidências de maior proficiência fossem demonstradas por todas as crianças, era implementado um procedimento de esvanecimento de roteiros (*script fading*) em quatro etapas. Ao longo dessas etapas, o número de palavras dos roteiros (de leitura ou ditados) era reduzido do fim para o início de cada frase (ex.: “aplique álcool em gel na [...]” como primeira etapa e assim por diante).

Respostas independentes, ao longo das etapas de treino, eram reforçadas diferencialmente por meio de elogios e acesso a itens de preferência como vídeos infantis e brinquedos ao final de cada sessão. Erros ou ausência de resposta em um

período pré-determinado eram corrigidos pela apresentação de palavras esvanecidas ou pela verbalização das palavras para as crianças repetirem. De um modo geral, todas as três crianças conseguiram descrever verbalmente todas as figuras das sequências comportamentais sem necessidade de roteiros ou dicas.

Outro dado muito importante foi registrado em sessões de sonda que demonstraram que as crianças passaram a realizar as ações não verbais retratadas pelas cenas (ex: adicionar álcool em gel na mão sob controle da figura correspondente). Esse dado foi interpretado por Costa e Matos (2025) como correspondência entre comportamento verbal e não verbal ou, em outras palavras, correspondência dizer-fazer (Perez, 2017).

Na referida pesquisa com uso de roteiros (Costa e Matos, 2025), os repertórios não verbais não precisaram ser ensinados, pois eles emergiram a partir do ensino da habilidade de descrever verbalmente as figuras das sequências comportamentais por meio de sentenças. Se isso não acontecesse, o ensino das ações não verbais teria sido realizado seguindo um modelo da literatura, que prevê uso de um sistema de hierarquia de dicas da menos para a mais intrusiva. Em outras palavras, para cada figura, a proposta envolveria a organização de dicas em pelo menos 5 etapas (Phillips e Vollmer, 2012; Phillips *et al.*, 2019; Pierce e Schreibman, 1994). Diante do exposto, este trabalho apresenta uma sugestão de protocolos para o ensino de repertórios verbais e não verbais, com base na literatura apresentada.

2. DESENVOLVIMENTO

Apresenta-se sugestão de etapas do ensino de repertórios verbais de descrever figuras de sequências comportamentais

de vida funcional. Os aprendizes devem ser fluentes na realização de leitura de sentenças ou na emissão de ecoicos de sentenças.

Avaliação de linha de base do repertório de descrever figuras de sequências comportamentais a partir de figuras. Para cada figura de sequência comportamental como as de Costa e Matos (2025) e outras sequências (ver exemplos em Matos, 2016), o intervencionista fornece uma instrução verbal como, por exemplo, “diga-me o que está acontecendo aqui” e aguarda até 5 segundos por uma possível resposta do aprendiz (ex: a criança diz “coloque pasta na escova de dente” sob controle da figura correspondente).

As figuras podem ser organizadas em um fichário, sendo uma figura por página. O número de tentativas para responder por sessão corresponderá à quantidade de figuras representando cada sequência comportamental. Poderá ser administrado um número de sessões até a demonstração de um desempenho baixo e estável sem consequências diferenciais para acertos e erros.

Ensino do repertório de descrever figuras de sequências comportamentais a partir de figuras, e mediante roteiros com posterior esvanecimento. A tarefa deverá ser organizada de forma semelhante à etapa anterior de avaliação, considerando o tipo de instrução e a quantidade de tentativas para responder por sessão.

No entanto, em um primeiro momento, os roteiros com frases deverão ser apresentados ao longo das tentativas sem esvanecimento. As frases dos roteiros deverão ser lidas por crianças que demonstrarem domínio sobre leitura, e deverão ser ditadas para a emissão de ecoico por outras que não dominam leitura, mas apresentam repertório de ecoar frases generalizado. Após duas sessões consecutivas com fluência em

seguir roteiros, o intervencionista deverá introduzir etapas de esvanecimento de palavras do final para o início de cada frase (Costa; Matos, 2025).

O número de etapas poderá ser definido considerando o que for mais eficiente para cada aprendiz. Ao longo das etapas, pode ser estabelecido um critério de aprendizagem de duas sessões consecutivas sem erros, em que o processo deve avançar até cada aprendiz não necessitar de qualquer roteiro para descrever as figuras.

A seguir, apresenta-se sugestão de etapas do ensino de repertórios não verbais com hierarquia de dicas (Phillips; Vollmer, 2012; Phillips *et al.*, 2019; Pierce; Schreibman, 1994), caso não seja demonstrada a sua emergência a partir do ensino dos repertórios verbais relacionados de descrever figuras. É importante que esse trabalho seja realizado com aprendizes que tenham proficiência nos seguintes repertórios: parear figuras e objetos idênticos; parear figuras e objetos semelhantes; parear figuras aos modelos de seus objetos correspondentes e vice-versa; e seguir instruções para a realização de ações verbais.

Avaliação de linha de base dos repertórios de realizar ações não verbais retratadas por figuras de sequências comportamentais. Durante essa etapa, os materiais de cada sequência devem estar disponíveis para a criança em um ambiente apropriado para sua execução (ex.: se for relacionado à escovação de dentes, o contexto deveria ser o de um banheiro de clínica, laboratório ou domicílio da criança). Para cada sequência, a criança pode utilizar o mesmo fichário para ensino do tipo de repertório verbal anterior. Além do fichário, os materiais a serem manipulados a partir do que for especificado pelas figuras devem estar presentes (pasta e escova de dentes, por exemplo). Em cada sessão, um intervencionista apresenta uma instrução para o início da sequência comportamental, ex.:

“Mostre-me como se escova os dentes.” A criança terá até 30 segundos para responder, considerando cada sequência. Essa etapa deve permanecer em vigor até a demonstração de um desempenho baixo e estável. Consequências diferenciais para acertos e erros não devem ser programadas.

Ensino de ações não verbais das sequências com hierarquia de dicas. Os materiais relevantes devem estar disponíveis como na etapa anterior. Para cada figura, o aprendiz terá até 5 segundos para realizar a ação especificada pela figura. Cada acerto pode ser seguido por elogio e acesso a itens de preferência ao final de cada sessão. Em cada tentativa para responder em que um erro seja cometido, ou não ocorra responder em até 5 segundos, até 5 níveis de dica, considerando uma hierarquia, devem ser administrados: 1) instrução geral para fazer o que está representado na figura; 2) instrução verbal específica para executar a ação; 3) apontar os objetos relevantes para a ação e durante a instrução específica; 4) modelação de resposta (fornecer modelo) ao apresentar a instrução específica; 5) ajuda física gentil para a realização da ação. O critério de encerramento dessa condição poderia consistir em duas sessões consecutivas sem que os erros fossem cometidos para cada sequência comportamental. Posteriormente, poderiam ser programadas sondas com as figuras organizadas em diferentes ordens, se possível.

3. DISCUSSÃO

Os protocolos sugeridos neste trabalho para o ensino de repertórios verbais e não verbais, retratando sequências comportamentais de vida funcional, fundamentam-se em literatura científica com evidências de efetividade em crianças com diagnóstico de TEA e outros casos de desenvolvimento atípico

(Costa; Matos, 2025; Matos *et al.*, 2022; Phillips; Vollmer, 2012; Phillips *et al.*, 2019; Pierce; Schreibman, 1994).

4. CONCLUSÃO

Os protocolos sugeridos neste trabalho podem produzir benefícios para crianças e jovens diagnosticados com TEA, que apresentam demandas de intervenções para o ensino de repertórios de comunicação por meio de sentenças, assim como de realização de ações não verbais relacionadas a sequências comportamentais de vida funcional.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatry Association. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders - DSM-5** (5th. ed). American Psychiatric Association, 2013.
- BAER, D. M.; WOLF, M. M.; RISLEY, T. R. Some current dimensions of applied behavior analysis. **Journal of Applied Behavior Analysis**, 1, 91–97, 1968. <https://doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91>.
- CARVALHO NETO, M. B. Análise do comportamento: Behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. **Interação em Psicologia**, 6, 13–18, 2002.
- COOPER, J. O.; HERON, T. E.; HEWARD, W. L. **Applied behavior analysis**. Pearson Education, 2007.
- COSTA, J.R.R.; MATOS, D.C. Teaching communication and functional life skills in children diagnosed with autism spectrum disorder. **Behavioral Sciences**, 15(2), 1-20, 2025. <https://doi.org/10.3390/bs15020198>.
- MATOS, D. C.; COSTA, J. R. R.; AROUCHA, J. C. C.; MATOS, P. G. S. Ensino de sentenças com função de tato em crianças com transtorno do espectro autista. **Acta Comportamental**, 30, 401–422, 2022.
- MATOS, D. C. **Análise do comportamento aplicada ao desenvolvimento atípico com ênfase em autismo**. AICSA, 2016.

PEREZ, W. F. Explicações comportamentais da correspondência dizer-fazer. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 13, 16–28, 2017. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v13i1.5260>.

PHILLIPS, C. L.; VOLLMER, T. R. Generalized instruction following with pictorial prompts. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 45, 37–54. <https://doi.org/10.1901/jaba.2012.45-37>, 2012.

PHILLIPS, C. L.; VOLLMER, T. R.; PORTER, A. An evaluation of textual prompts and generalized textual instruction-following. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 52, 1140–1160, 2019. <https://doi.org/10.1002/jaba.649>.

PIERCE, K. L.; SCHREIBMAN, L. Teaching daily living skills to children with autism in unsupervised settings through pictorial self-management. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27, 471–481, 1994. <https://doi.org/10.1901/jaba.1994.27-471>.

SELLA, A. C.; Ribeiro, D. M. **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. Appris, 2018.

Dinâmicas sociais e suas sonoridades: a paisagem sonora da Grande São Luís durante a pandemia de covid-19

Rosinete de Jesus Silva Ferreira

Carlos Benedito Alves da Silva Júnior

Jefferson Saylor Lima de Sousa

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender o cenário das transformações sonoras e seus possíveis efeitos psicossociais na região central de São Luís, Maranhão, na região Nordeste do Brasil. A partir de mudanças decorrentes da pandemia de covid-19, apresenta-se uma discussão sobre as sonoridades antes e durante o ano de 2020. Utilizou-se metodologia qualitativa e coleta de dados por meio de questionário *on-line*. Como resultado de pesquisa, observou-se uma alteração sonora que se desloca dos sons cotidianos de carros, vendedores ambulantes e pedestres para o silêncio e eventual cantar dos pássaros.

Palavras-chave: covid-19; paisagem sonora; Grande São Luís.

1. INTRODUÇÃO

A Grande Ilha São Luís é uma localidade eminentemente urbana, com uma densa concentração populacional em que, conseqüentemente, podemos inferir em um ambiente acústico com alto nível de ruído ambiental e uma densidade sonora elevada, no qual os sons se sobrepõem frequentemente. A este tipo de paisagem sonora, Schafer (2011, p. 71) dará o nome de *lo-fi*, pois nela, “os sinais acústicos individuais são obscurecidos em uma população de sons superdensa”. Para compreender esse conceito, o autor faz uma alusão à premissa da percepção visual da figura e do fundo, no qual

a figura é o que de fato se vê, e ao fundo cabe o papel de contorno, moldura, oferecendo uma perspectiva para a figura.

No ambiente sonoro *lo-fi* essa distinção entre figura e fundo se perde, é como se não houvesse distância entre os sons, apenas presença, derivando uma necessidade de amplificação sonora cada vez mais intensa. Tal necessidade vem provocando ao longo do tempo um aumento da quantidade e do volume dos sons, provocando mudanças na paisagem sonora do mundo. Os lugares da vida humana tornam-se ambientes cada vez mais ruidosos. Rodriguez (2011) alerta que aquilo que costumamos chamar de ruídos são, na verdade, formas sonoras diferentes entre si, mas que, dada a mistura de frequências audíveis tão heterogêneas, a percepção humana não tem capacidade de discriminação.

Contudo, essa modulação dos sons constrói um ritmo próprio dos ambientes urbanos, uma rede de códigos sonoros em constante mutação. Aqui, tratamos o ritmo não como uma temporalidade métrica, mas, nos termos de Obici (2008, p. 66), como “uma condição expressiva daquilo que está em constante diferenciação”. É a relação dessa expressão sonora das cidades com sua provável variação de intensidades provocada pelas medidas de isolamento social de combate à covid-19, que nos interessa neste estudo.

É certo que para além dos riscos à saúde física que a covid-19 carrega, há também danos psicossociais significativos que merecem atenção especial. Ainda durante a pandemia, a Organização das Nações Unidas confirmou que a doença gerou estresse na população diante dos riscos de contaminação, incerteza, isolamento social, possibilidade de desemprego e outras consequências que atingem diretamente o comportamento mental.

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz, os aspectos psicossociais também são fatores importantes, pois estão relacionados à vulnerabilidade que inclui segurança, risco de saúde, medo da perda de amigos e familiares e, até mesmo, da morte. Impotência diante de uma situação que aparentemente não tem controle, o que certamente ocasiona sentimentos de tristeza, angústia e até depressão. Porém, aspectos não tão negativos também puderam ser observados durante a pandemia. O *podcast* da Folha de São Paulo, Café da Manhã, aponta algumas reflexões sobre os efeitos da pandemia de covid-19.

Segundo a emissão sonora do dia 22 de maio de 2020, de acordo com a reportagem, há sintomas de melhoramento nos aspectos ambientais que podem ser observados nos grandes parques e reservas ambientais, onde já se percebe maior presença de animais, como pássaros, antes despercebidos. Outra questão é a tratada em texto no Blog *Ambiência*, que ressalta que — durante esse período — houve diminuição da poluição advinda do setor de transportes de superfície, das indústrias e aviação provocada pelo confinamento, e que isso impactou no cenário ambiental.

A partir das mudanças identificadas na paisagem sonora, tomamos como objeto de estudo alguns bairros da Região Metropolitana de São Luís no primeiro semestre de 2020, período de realização de *lockdown* por parte dos órgãos de saúde pública (o Maranhão, por sinal, foi o primeiro estado brasileiro a adotar a medida nas áreas de grande concentração populacional). Um total de 29 bairros foram envolvidos na pesquisa por meio de resposta de participantes em formulário digital aplicado com o objetivo de termos um resultado mais próximo da dinâmica vivida em toda a ilha durante a pandemia.

Afirma-se, com base nos estudos de Rodriguez (2011), que estamos tratando de uma configuração acústica que tende a ser percebida como um bloco sonoro unitário, respondendo às leis da física — no que concerne ao som — e às leis fisiológicas e psicológicas, no que concerne à percepção auditiva. Sem esquecermos de que a percepção das formas sonoras é, em grande medida, cultural, pois os seres humanos aprendem a escutar, selecionar e interpretar os sons do ambiente a partir de uma percepção categorial.

2. MÉTODO

A pesquisa fundamenta-se em uma concepção pragmática em que “o pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de diversos tipos de dados proporciona um melhor entendimento do problema da pesquisa” (Creswell, 2010, p. 43). Para sustentar a metodologia, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário, valendo-se de perguntas fechadas (objetivas), abertas (subjetivas) e mistas (fechadas e abertas). Dessa forma, os dados quantitativos (encontrados nas perguntas fechadas) e qualitativos (encontrados nas perguntas abertas e mistas) estão presentes num único momento de coleta, garantindo assim a noção de simultaneidade da aplicação da metodologia já citada.

Quanto ao questionário, tal instrumento foi aplicado do período de 24 de junho de 2020 a 15 de julho de 2020, por meio da ferramenta *Google Forms*. Um total de 40 questões foram direcionadas e contabilizaram-se 56 participações. Dessas, 46,5% identificaram-se como homens e 53,5% identificaram-se como mulheres. Todos os respondentes informaram encontrar-se na faixa etária de 20 a 59 anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tal como Castanheira (2016, p. 2) afirma, os resultados desta pesquisa partem “do pressuposto que essa investigação não pode ser vista como apenas uma coleta de dados do ambiente para posterior processamento interno”. Dessa forma, percebe-se que, para os participantes, a paisagem sonora — seja do bairro ou do lar — é composta de interações conscientes em relação às atividades e rotina de cada um e do que está ao redor.

Sobre a relevância do som para esse olhar de como se comportam os indivíduos em seus ambientes urbanos, seja na dita normalidade ou no inusitado, Nakahodo (2014, p. 51) afirma que “é significativo em partes pelo que produz, mas, principalmente, pela circunstância sob as quais é escutado”. Castenheira (2016, p. 8) lembra-nos que “o ouvinte é parte ativa do mundo e não um observador deste”. Já sobre a elaboração de um mapeamento sonoro ainda se pode dizer que por meio dele “identificamos, significamos e ressignificamos os sons em conexões rizomáticas com o mundo” numa perspectiva “validada na multiplicidade de narrativas e pontos de vista e nas experiências individuais cotidianas” (Nakahodo, 2014, p. 78 e 81).

A compreensão de que a paisagem sonora dos bairros onde moram foi modificada e que a relação de ruídos em seus lares se intensificou revela que os sons não são elementos desconsiderados pela habilidade humana de socializar e comunicar, mas que precisam ser percebidos de maneira mais qualificada para poder gerar impressões a respeito do ambiente que nos envolve e dos comportamentos que adotamos.

Esse entendimento nos leva a compreender o porquê para os participantes haver uma mudança significativa nas paisagens que vivenciam. Tendo suas rotinas alteradas, seu tempo

e espaço foram modificados e, em consequência, sua relação com os sons foi resignificada. Se a maioria dos respondentes vivia uma relação espaço-tempo em que a maior parte de seu dia era vivido longe de casa em decorrência do trabalho/estudo, ao ter isso invertido — e agora terem sido forçados a vivenciar mais tempo em casa — o estranhamento e, por fim, a identificação dos sons nos lares revela a capacidade adaptativa do ser humano e que ela, muitas vezes, o leva a ignorar as muitas realidades e suas paisagens sonoras que o cercam. É preciso uma anomalia na realidade (no caso desse relato, uma pandemia) para que paisagens sonoras do lugar em que vivemos sejam devidamente percebidas, contudo, essa já não é mais uma percepção da paisagem em si, mas sim de uma modificação sofrida por ela diante da mudança de rotina de todos.

Por fim, registra-se que paisagem sonora da Região Metropolitana de São Luís propicia a escuta de eventos sônicos carregados de sentidos paradoxais que vão desde a representação da celeridade e do ritmo de vida de quem ali mora, bem como a emulação de um aspecto provinciano (dos tempos passados relatados nos textos literários de seus renomados autores) em uma região que conta com uma metrópole habitada por mais de um milhão de pessoas, mas cujas noites ainda são marcadas pelo efeito sonoro do silêncio, já que se assemelha como se desse um descanso ao caos urbano chamado rotina, no qual às vezes não se percebia nem mesmo o gorjear dos pássaros, numa inferência ao poeta Gonçalves Dias.

4. CONCLUSÃO

É nítido que, em algumas regiões da cidade, os elementos humanos presentes nessa comunidade acústica conturbada

conseguem discernir alguns sons que compõem a paisagem. Foram percebidos sons fundamentais (naturais) como pássaros, ventos etc. nas sonoridades do ambiente. Nesse sentido, a pesquisa demonstrou que tanto em casa quanto nos bairros o som dos pássaros (e a natureza de modo geral) ficou bastante evidente aos praticantes do isolamento social promovido pela pandemia. Como complemento dessa sonoridade o silêncio foi também uma marca entre os pesquisados. Observou-se ainda que as paisagens alteraram em torno das sonoridades tanto antes quanto durante a pandemia.

Observou-se também uma tendência de maior silêncio nos bairros e maior barulho nas casas. Essas sonoridades observadas estão diretamente ligadas ao maior número de pessoas da família no mesmo espaço. As conversas e reuniões familiares mostram a necessidade de estar com o outro, partilhar angústias e ansiedades.

A televisão foi apontada como um dos instrumentos que produz mais barulho dentro de casa, aliada à música alta e jogos fora de casa. Essas sonoridades em tempos de pandemia e isolamento podem apontar as interferências nas construções e representações mentais e sociais das pessoas. Salientamos que tais representações e problemas psicossociais podem acontecer em qualquer classe, entretanto, a incidência dar-se em maior número aos grupos de vulnerabilidade. O confinamento pode acarretar níveis de estresse consideráveis e comprometer a saúde física e mental das pessoas. Sabemos muito pouco ainda sobre os efeitos psicossociais que a covid-19 pode deixar na sociedade.

Porém, há certeza de que tais efeitos têm origem em situações concretas de perda de familiares, pessoas próximas ou mesmo distante de nosso convívio. Situações de desemprego, violência doméstica, limitações de deslocamento, excesso ou

ausência de sonoridades podem inscrever problemas psíquicos que somente com o tempo seremos capazes de relacionar ou não à pandemia de covid-19, iniciada no ano de 2020.

REFERÊNCIAS

CASTANHEIRA, J. C. S. Modelos de escuta: delineando o objeto de pesquisa. **E-Compós**, v.19, n.2, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1158>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

NAKAHODO, Lilian Nakao. **Cartografias Sonoras: um estudo sobre a produção de lugares a partir de práticas sonoras contemporâneas**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal do Paraná, PPGM-UFPR, Curitiba, 2014.

RODRIGUEZ, Angel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. São Paulo, SP: Editora SENAC-SP, 2006.

SCHAFER. Raymond Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2001.

Estágio supervisionado em orientação profissional clínica durante a pandemia de covid-19: um relato de experiência na cidade de São Luís-MA

*Luanna Ralinka Soares Mendes
Thayara Ferreira Coimbra Lima*

RESUMO

A pandemia de covid-19 trouxe desafios à formação em Psicologia, exigindo adaptações e ressaltando a importância de práticas de ensino, supervisão e atendimento, ao mesmo tempo em evidenciou a relevância do cuidado psicológico em diferentes contextos. Nesse cenário, a Orientação Profissional Clínica revelou-se uma importante ferramenta de apoio, especialmente diante das incertezas que marcaram o período. O presente relato tem como objetivo descrever a experiência de estágio supervisionado em Orientação Profissional Clínica, fundamentado na Análise do Comportamento, realizado no Serviço-Escola de Psicologia do Centro Universitário Dom Bosco – UNDB, entre outubro e dezembro de 2020. O estágio foi organizado em três áreas de atuação (clínico, educacional e organizacional), sendo este relato focado na área clínica. A primeira autora atuou como terapeuta estagiária e a segunda como supervisora. Foram conduzidos cinco encontros presenciais com uma orientanda em processo de reescolha profissional, respeitando protocolos de biossegurança. O percurso contemplou entrevista inicial, autoconhecimento, exploração das profissões e tomada de decisão, finalizando com a devolutiva. A supervisão, realizada de forma contínua ocorreu de forma remota e presencial, configurou espaço fundamental para análise técnica, reflexão teórica e acolhimento emocional da estagiária no desenvolvimento das habilidades clínicas como observação, escuta clínica, planejamento de sessões, identificação de variáveis relacionadas à escolha profissional, além do aprendizado sobre o manejo de incertezas trazidas pelo contexto pandêmico. Conclui-se que, mesmo com limitações de tempo e número de encontros, a experiência contribuiu para a formação profissional e para o suporte psicológico em contexto de crise.

Palavras-chave: covid-19; estágio; orientação profissional.

1. INTRODUÇÃO

A Orientação Profissional, segundo a Associação Brasileira de Orientação Profissional – ABOP (2019), visa auxiliar pessoas na tomada de decisões sobre carreira e no desenvolvimento profissional. Esse processo pode ocorrer em diferentes fases da vida e responder a variadas demandas, como escolha inicial, reescolha profissional ou, até mesmo, a redefinição de carreira.

No contexto clínico, essa prática exige do psicólogo habilidades como observação, escuta qualificada, planejamento, pesquisa e estabelecimento de vínculo terapêutico. A pandemia de covid-19 intensificou sentimentos de incerteza e ansiedade, tornando esse trabalho ainda mais relevante, uma vez que muitos indivíduos precisaram repensar seus projetos profissionais diante das mudanças sociais, econômicas e emocionais desencadeadas.

Esse relato fundamenta-se na Análise do Comportamento (Skinner, 2003), que compreende a escolha profissional como resultado da interação entre a história de vida do indivíduo e as contingências sociais e ambientais. Moura (2004) reforça que a vocação é construída ao longo da vida, resultando da combinação de fatores genéticos, familiares e culturais.

Nesse sentido, Moura e Silveira (2002) ressaltam que um procedimento de intervenção comportamental em Orientação Profissional deve: arranjar condições para o indivíduo discriminar as variáveis dos diferentes contextos de controle (familiar, social, cultural e econômico) às quais seus comportamentos de escolher e decidir estão expostos; proporcionar informação relevante sobre as profissões de interesse, relacionando-as aos dados de autoconhecimento; e aumentar a probabilidade de ocorrência de comportamentos relacionados à escolha e/ou à tomada de decisão.

Além disso, destaca-se o papel formativo dos estágios supervisionados, que permitem a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, o desenvolvimento de repertórios clínicos e uma postura ética e crítica. A supervisão, nesse contexto, constitui espaço privilegiado de orientação técnica e, nesse em especial, espaço de acolhimento das dificuldades vivenciadas, inclusive as advindas do contexto pandêmico.

Diante desse contexto, torna-se relevante relatar práticas de estágio em Orientação Profissional Clínica durante a pandemia de covid-19, uma vez que essas experiências contribuem para compreender como os futuros psicólogos se adaptaram a um cenário adverso e, ao mesmo tempo, puderam oferecer suporte psicológico em momento de crise. O registro dessa vivência favorece a reflexão sobre estratégias utilizadas, desafios enfrentados e potenciais benefícios da intervenção, contribuindo para a produção de conhecimento na área e para a formação profissional em Psicologia.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de estágio supervisionado em Orientação Profissional Clínica, fundamentado na Análise do Comportamento, realizado em um serviço-escola de Psicologia durante a pandemia de covid-19. Especificamente, busca-se: descrever o percurso do processo realizado; apontar principais recursos, instrumentos e técnicas empregados; refletir sobre as contribuições da supervisão e os aprendizados decorrentes da prática clínica em contexto de crise.

2. DESENVOLVIMENTO

Primeiro momento do estágio: supervisões remotas e presenciais

As duas primeiras supervisões ocorreram de forma remota, em conformidade com as recomendações do Conselho Federal

de Psicologia (2020), que orientaram instituições e docentes a adotarem recursos tecnológicos como alternativa para manter a continuidade dos estágios, garantindo acompanhamento ético e pedagógico em tempos de distanciamento social. Dessa maneira, as supervisões tiveram duração de aproximadamente uma hora e meia cada. Nessas reuniões, a supervisora apresentou a organização e o objetivo geral.

Este relato refere-se ao grupo clínico, fundamentado na Análise do Comportamento. Ao longo dessas primeiras supervisões, discutiram-se os fundamentos teóricos da Orientação Profissional, elaboraram-se documentos essenciais (Contrato Terapêutico e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE) e revisaram-se protocolos de biossegurança a serem seguidos nos atendimentos presenciais.

Após cada encontro presencial, novas supervisões foram realizadas, totalizando cinco ao longo do processo, tanto de modo remoto como de modo presencial com foco na análise técnica do caso e no acolhimento das dificuldades da estagiária. Esse espaço favoreceu trocas de conhecimento, discussão de teorias e suporte emocional diante do cenário atípico da pandemia.

Segundo momento do estágio: encontros presenciais com a orientanda

Os encontros foram conduzidos com uma orientanda de 23 anos, formada em Pedagogia, que buscava apoio para um processo de reescolha profissional, evidenciando a necessidade de reconsiderar sua trajetória de carreira. Ao todo, foram realizadas cinco sessões presenciais, com duração média de 50 minutos cada, em sala localizada no Serviço-Escola da UNDB. Todas as sessões foram conduzidas seguindo os protocolos de biossegurança vigentes, assegurando o bem-estar de ambas as partes envolvidas.

1º ENCONTRO: CONTRATO E VÍNCULO

O atendimento teve início com a apresentação da terapeuta-estagiária, seguida da explicação do contrato terapêutico e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), etapa fundamental para o estabelecimento de confiança, segurança e clareza de papéis no processo. Em seguida, foi introduzido o conceito de Orientação Profissional, com o auxílio da cartilha da ABOP (2019), a fim de alinhar expectativas e esclarecer objetivos. A orientanda mostrou-se receptiva e colaborativa, relatando o desejo de encontrar um novo caminho profissional, uma vez que já não se identificava com a área da Pedagogia. O primeiro encontro foi finalizado com a construção inicial do vínculo terapêutico, a definição das próximas etapas do processo e a explicação das medidas de biossegurança adotadas durante os atendimentos presenciais.

2º ENCONTRO: ANAMNESE E AUTOCONHECIMENTO

Iniciou-se, então, a anamnese, objetivando compreender a queixa principal e suas expectativas em relação ao processo de Orientação Profissional. Conforme proposto por Moura (2004), deu-se início à etapa de autoconhecimento. Como recurso técnico, foi utilizada a ferramenta “Roda da Vida”, que permite uma avaliação subjetiva do grau de satisfação da pessoa em diferentes áreas da vida (como carreira, relacionamentos, finanças, saúde, entre outras), proporcionando uma visualização gráfica desses aspectos.

Segundo Skinner (2003), a pessoa está mais consciente quando se torna mais sensível ao controle exercido pelo ambiente, ou seja, quando aumenta sua capacidade de discriminar e descrever os próprios comportamentos. Nesse sentido, Moura (2004) ressalta que, ao aumentar seu conhecimento de

si, quanto do mundo do trabalho, o indivíduo torna-se capaz de controlar sua decisão.

Bock (2002) destaca que, a partir da autopercepção das características particulares, o indivíduo passa a reunir melhores condições para elaborar seu projeto de vida. Assim, o autoconhecimento mostra-se uma etapa fundamental em qualquer processo de Orientação Profissional, uma vez que possibilita aos participantes refletirem sobre seus interesses, valores e singularidades, promovendo uma escolha profissional mais madura, consciente e alinhada ao seu perfil.

3º ENCONTRO: APROFUNDAMENTO DO AUTOCONHECIMENTO

Durante a sessão, foi realizada uma discussão aprofundada sobre o instrumento “Roda da Vida”, permitindo identificar pontos e interesses que demonstravam certa proximidade com possíveis escolhas profissionais. No entanto, também foram evidenciados aspectos que dificultavam uma tomada de decisão mais segura, revelando inseguranças e conflitos internos.

Diante desse contexto, tornou-se essencial que a terapeuta-estagiária mobilizasse habilidades de escuta ativa, formulação de perguntas estratégicas e acolhimento emocional, favorecendo um espaço seguro para a expressão das dúvidas e emoções da orientanda. Essa abordagem reforça a importância do manejo clínico sensível e ético, especialmente em contextos de vulnerabilidade emocional.

4º ENCONTRO: EXPLORAÇÃO DAS PROFISSÕES E PLANEJAMENTO

Nessa sessão, foi abordada a etapa de conhecimento das profissões e do mercado de trabalho, com o objetivo de ampliar o repertório da orientanda a respeito das diversas possibilidades profissionais, concepções de trabalho e exigências do mercado atual. Inicialmente, foi solicitado que a orientanda realizasse

uma autoavaliação de suas competências profissionais, identificando aquelas que considerava já desenvolvidas e aquelas que precisaria aprimorar para uma inserção mais efetiva no mundo do trabalho.

Nesse exercício, a orientanda relatou apresentar dificuldades em relação à organização e à autoconfiança, mas demonstrou entusiasmo e segurança ao mencionar o interesse por atuar com artesanato e artes, embora ainda não conseguisse visualizar claramente como, onde e quando poderia transformar esse interesse em uma atividade profissional concreta. Para auxiliar nessa reflexão, foi aplicada a ferramenta 5W2H, um recurso muito utilizado em gestão que facilita o planejamento e a organização de projetos, por meio da resposta à sete perguntas-chave (*What, Why, Where, When, Who, How e How much*). A utilização desse instrumento possibilitou à orientanda construir um esboço mais claro e prático de um possível cenário de atuação profissional, contribuindo para reduzir a sensação de incerteza e promover maior autonomia no planejamento de suas ações futuras.

5º ENCONTRO: DEVOLUTIVA E ENCERRAMENTO

A última sessão foi dedicada à devolutiva do processo, na qual a terapeuta-estagiária apresentou uma síntese das análises realizadas, ressaltando os principais desafios identificados ao longo do acompanhamento. A orientanda recebeu um plano de ação personalizado, elaborado a partir das experiências e informações coletadas ao longo do processo, com orientações para dar continuidade à sua escolha profissional.

Entre as recomendações, sugeriu-se a pesquisa detalhada sobre cursos em áreas afins, a busca por informações junto a profissionais da área e o investimento em desenvolvimento pessoal. Além disso, considerando as dificuldades

emocionais identificadas, a orientanda foi encaminhada para psicoterapia.

Ao final do processo, a orientanda relatou ter adquirido maior clareza e confiança em relação ao futuro, valorizando a experiência e o aprendizado proporcionados pelo acompanhamento. Além disso, destacou avanços significativos em seu processo de autoconhecimento, reconhecendo seus interesses, habilidades e limitações com mais objetividade. O processo também contribuiu para o desenvolvimento de autonomia na tomada de decisões, ampliação de seu repertório comportamental, melhora na organização pessoal e construção de um planejamento mais realista e alinhado com seus valores e metas de vida. Esses ganhos reforçam o papel preventivo e formativo da Orientação Profissional, especialmente em contextos de reescolha ou transição de carreira.

3. CONCLUSÃO

A experiência de estágio supervisionado em Orientação Profissional Clínica durante a pandemia de covid-19 possibilitou a integração entre teoria e prática na formação em Psicologia, favorecendo o desenvolvimento de habilidades essenciais como escuta qualificada, análise de variáveis de escolha profissional, planejamento de intervenções e postura ética. A supervisão configurou-se como espaço de apoio técnico e emocional, fundamental para o aprimoramento do repertório clínico da estagiária em um contexto de crise.

O uso da Análise do Comportamento mostrou-se adequado ao envolver a orientanda ativamente no processo, possibilitando discriminar variáveis ambientais, ampliar o autoconhecimento e construir um plano de ação mais alinhado aos seus valores e objetivos. Apesar das limitações de tempo e do número

restrito de encontros, o processo contribuiu para aumentar a clareza, a autonomia e a segurança da participante em sua trajetória profissional.

Conclui-se, portanto, que a Orientação Profissional Clínica, fundamentada na Análise do Comportamento, representa não apenas um recurso de apoio à tomada de decisão em situações de reescolha, mas também uma importante intervenção preventiva em saúde mental, especialmente em períodos de instabilidade social. O estágio revelou-se um espaço formativo e de cuidado psicológico, trazendo benefícios tanto para a formação da estagiária quanto para o fortalecimento da autonomia da orientanda em seu processo de reorientação profissional.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Você sabe o que é orientação profissional? oriente-se!. [S. l.]: [s. n.], 2019. Disponível em: <https://abraopc.org.br/site2022/wp-content/uploads/2022/07/Cartilha.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Práticas e estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da covid-19: recomendações. Brasília: CFP, 2020. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientac%CC%A7o%CC%83es-formac%CC%A7a%CC%83o-e-esta%CC%81gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

BOCK, S. D. **Orientação profissional** - A abordagem sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2002.

MOURA, C. B. de. **Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

MOURA, C. B de; SILVEIRA, J. M. da. Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento: avaliação de uma experiência. **Estudos de Psicologia** (Campinas), [S. l.], v. 19, n. 1, 2022. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/6629>. Acesso em: 23 set. 2025.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Sobre os(as) autores(as)

Alynnne Virginya de Queiroz Lima. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Universidade Estácio de Sá. Especialista em Psicologia Clínica pela PUC-RS. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Psicóloga na Divisão de Qualidade de Vida da UFMA. *E-mail:* alynnne.virginya@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3688-6407>

Ana Gabrielle Sousa Costa. Pós-graduanda/Especializanda em Psicanálise e Relações de Gênero (FAUSP/SP). Foi bolsista PIBIC/Fapema no projeto Repercussões da pandemia na subjetividade de técnicos de enfermagem do setor público no processo de aposentadoria. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). *E-mail:* anagabriellepsi23@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2779-3015>

Artur Sérgio Bastos de Oliveira. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão (UNIFACEMA). *E-mail:* arturbastospsi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5001-9517>

Brenda Barros Machado. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Psicologia (UFMA). Psicóloga escolar e clínica. *E-mail:* brendabmachado5@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6864-6148>

Carla Vanessa Matos Teixeira. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi bolsista PIBIC/CNPq no projeto Dinâmica prazer-sofrimento de técnicos de enfermagem do setor privado em processo de aposentadoria a partir de um contexto de pandemia e PIBIC/Fapema, Ressignificando o processo de aposentadoria: o trabalho de técnicos de enfermagem do setor privado em um contexto pandêmico. Psicóloga Hospitalar no Hospital Municipal Santa Helena. *E-mail:* carlavanessamatos@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5166-0088>

Carla Vaz dos Santos Ribeiro. Doutora e Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Psicologia do Trabalho pela Universidade Estácio de Sá. Graduada em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula. Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). *E-mail:* carla.vaz@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5518-9619>

Carlos Benedito Alves da Silva Júnior. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade CEUMA. Graduado em Comunicação Social — Radialismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UFMA. *E-mail:* carlos.alves@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5930-5605>

Catarina Malcher Teixeira. Estágio pós-doutoral e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento e Psicóloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente do Curso de Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). *E-mail:* catarina.malcher@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9987-7528>

Cristianne Almeida Carvalho. Doutora e Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (UNICEUB). Professora Associada II da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). *E-mail:* cristianne.ac@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2793-7904>

Diessika Helena Costa Halvantzis-Lopes. Mestre em Psicologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Psiquiatria da Infância e Adolescência (CEPAI-MG). Residência médica em Psiquiatria pelo Hospital Nina Rodrigues e em Psiquiatria da Infância e Adolescência pelo Centro Psíquico da Adolescência e Infância-MG. Graduada em Medicina pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). *E-mail:* diessikahelena@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9742-3527>

Hugo Leonardo Ferreira Araujo. Doutorando em Administração na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Planejamento Estratégico Público e Privado pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduado em Administração de Empresas (UEMA). *E-mail:* admhugolfa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3177-4266>

Jefferson Saylon Lima de Sousa. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Educomunicação e Tecnologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e em Tradução Audiovisual para inglês pela Estácio. Graduado em Comunicação Social – Rádio e TV (UFMA). Professor dos Cursos de Comunicação Social (Jornalismo, Rádio e TV, Relações Públicas) da Universidade Federal do Maranhão. *E-mail:* jefferson.saylon@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3700-3881>

Juliana Ferreira Martins. Psicóloga graduada pela Universidade CEUMA. Mestre em Psicologia (PPGPSI) pela Universidade Federal do Maranhão, *e-mail:* juliana.fm@discente.ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8100-6437>

Juliana Ribeiro Rabelo Costa. Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Intervenção ABA (IPOG). Psicóloga onde foi bolsista: CAPES/FAPEMA durante o mestrado. *E-mail:* juliana7rabelo@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0715-2838>

Kellen Kalli Carvalho de Oliveira. Mestra em Gestão de Empresas com Especialidade em Estratégia e Liderança pela Universidade de Coimbra (UC, Portugal). Graduada em Administração pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). CEO na empresa EDK Metallic Constructions (Portugal) e Consultora em Gestão e Estratégia Empresarial – Portugal. *E-mail* kellen.kalli@gmail.com

Lorena Coutinho Lima. Especialista em Sexologia Aplicada pelo Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex). Graduação em Psicologia pela Universidade Ceuma. Mestranda no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). *E-mail:* lorena.coutinho@discente.ufma.br.

Luanna Ralinka Soares Mendes. Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA); é bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *E-mail:* luanna.mendes@discente.ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4869-5584>

Luiza Mariana de Sousa. Mestra e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi bolsista Fapema durante o Mestrado no projeto Repercussões da pandemia na subjetividade de técnicos de enfermagem do setor público no processo de aposentadoria. Docente na Faculdade Anhanguera São Luís e Psicóloga Escolar e Educacional – Instituto Divina Pastora. *E-mail:* luizasousamariana@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1663-4043>

Márcio Roberto Vieira Plácido. Graduado em Química pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em Psicologia pelo Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão (UNIFACEMA). *E-mail:* marcioplacido@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0851-464X>

Maurícia Paz Aguiar. Mestra e graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi bolsista CAPES/FAPEMA durante o Mestrado. Técnica Municipal de Nível Superior – Psicóloga na Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social. *E-mail:* aguiar.maura@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2121-3614>

Mauro Enrique Carozzo Todaro. Doutor em Administração pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M, Espanha). Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Engenharia de Produção pela Universidad Nacional de Rosario (UNR, Argentina). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Gerente da Incubadora Uema (Marandu). *E-mail:* mauro.carozzo@uema.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6054-8663>

Monica Milena Murakami. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pós-graduanda em Gênero e Sexualidade pelo Instituto Cooperativo Parentes/FGE e em Humanização na Saúde pela UNIFESP/UAB. Psicóloga pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). *E-mail:* monica.murakami@discente.ufma.br

Pedro Wilson Ramos da Conceição. Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Políticas Públicas e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Docente na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). *E-mail:* pedrowilsonramos@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3868-4917>

Rosinete de Jesus Silva Ferreira. Doutora em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Teorias da Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Comunicação Social – Rádio e Televisão pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora do Curso de Rádio e Televisão – UFMA e dos Programas de Mestrado Profissional PPGCOMPRO e Mestrado Acadêmico em Psicologia (UFMA). *E-mail:* rosinete.ferreira@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9020-758X>

Thayara Ferreira Coimbra Lima. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Especialista em Saúde Mental (UFMA). Especialista em Neuropsicologia pelo Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG). Graduada em Psicologia (UFMA). Psicóloga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). *E-mail:* thayara@ifma.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2840-9091>

Virlainne Moreno de Lemos. Pós-graduada em Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista e à Deficiência Intelectual pelo CBI of Miami. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atendente terapêutica nas clínicas Acolher e Fanti, atuando com Análise do Comportamento Aplicada (ABA). *E-mail:* psivirlainnemoreno@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0781-5547>

Walter Emmanoel Brito Neto. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). Especialista em Psicologia da Saúde e Psicoterapia e Intervenção em Crise (INSTITUTO FACUMINAS EAD). Docente no Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão (UNIFACEMA). *E-mail:* psi.walterbrito@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7860-2584>

Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). *E-mail:* yldry.souzaramos@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0817-2793>

Sobre os(as) Organizadores(as)

Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB) em co-tutela com a Universidade do Porto (UP, Portugal). Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidad de Málaga (UMA, Espanha) e em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Psicologia Hospitalar pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Graduada em Psicologia (UFMA). Professora da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia na UFMA. *E-mail:* nadia.pinheiro@ufma.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5606-129X>

Daniel Carvalho de Matos. Estágio Pós-doutoral em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutor e Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Psicólogo pela Universidade CEUMA. Docente e pesquisador do Instituto Evoluir -- Centro de Ensino e Pesquisa em Psicologia, Educação Inclusiva e Saúde do Maranhão. Professor permanente externo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMA. Professor do curso de Psicologia da Universidade CEUMA. *E-mail:* daniel.matos@ufma.br. Orcid: orcid.org/000-0002-6793-0101

Carlos Wellington Soares Martins. Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Especialista em Sexologia Aplicada pelo Instituto Paulista de Sexualidade (INPASEX) e em Gestão Pública (UEMA). Graduação em Biblioteconomia pela (UFMA). Bibliotecário (SIBI/UFMA). Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI-UFMA). *E-mail:* carlos.wellington@ufma.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7307-2983>

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional
conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Título Ecos da Pandemia: Vivências, Pesquisas e Repercussões da
Covid-19 no Maranhão

Organizadores Nádia Prazeres Pinheiro-Carozzo
Daniel Carvalho de Matos
Carlos Wellington Soares Martins

Projeto Gráfico e Capa Eduardo César Machado de Jesus

Formato 15x22

Páginas 144

Tipografia Adriane | TEXTO
Futura@100| TÍTULOS

Edição 1ª edição - 2026



EDLIFMA



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN 978-655363542-5



9 786553 635425